

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

JOYCE ALVES DOS SANTOS

VIVÊNCIAS DE MULHERES NO FUTEBOL BRASILEIRO ENTRE AS
DÉCADAS DE 1960 E 1990

GUARULHOS

2019

JOYCE ALVES DOS SANTOS

**VIVÊNCIAS DE MULHERES NO FUTEBOL BRASILEIRO ENTRE AS
DÉCADAS DE 1960 E 1990**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
de São Paulo como requisito parcial
para obtenção do grau em Bacharel
em História.

Orientador: Fábio Franzini

GUARULHOS

2019

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Santos, Joyce Alves dos.

Vivências de mulheres no futebol brasileiro entre as décadas de 1960 e 1990 / Joyce Alves dos Santos – Guarulhos, 2019.

55 f

Trabalho de conclusão de curso (graduação em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientador: Fábio Franzini.

Título em inglês: Experiences of women in Brazilian soccer between the 1960s and 1990s.

1. Futebol brasileiro. 2. Vivências. 3. Resistências. I. Franzini, Fábio.
- II. Trabalho de conclusão de curso (graduação em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- III. Vivências de mulheres no futebol brasileiro entre as décadas de 1960 e 1990.

JOYCE ALVES DOS SANTOS
VIVÊNCIAS DE MULHERES NO FUTEBOL BRASILEIRO ENTRE AS
DÉCADAS DE 1960 E 1990

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal
de São Paulo como requisito parcial
para obtenção do grau em Bacharel
em História.

Orientador: Fábio Franzini

Aprovação: ____/____/____

Prof.º. Dr.º Fábio Franzini
Universidade Federal de São Paulo

Prof.ª. Dr.ª Samira Adel Osman
Universidade Federal de São Paulo

Profª Msª Giovana Capucim e Silva
Universidade de São Paulo

Dedicado a todas as mulheres que
diariamente rompem as amarras da
proibição e resistem à opressão, mantendo
vivas vozes e esperanças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, à minha família, em especial minha mãe Maria José, pelo apoio, amor e confiança que dedicaram a mim. Às minhas queridas amigas do grupo *Ao Quadrado*, que me deram ânimo e motivação ao longo dessa pesquisa. Ao meu orientador Fábio Franzini, que me ajudou e forneceu o suporte necessário para conseguir desenvolver esse trabalho. À equipe do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) do Museu do Futebol, que sempre se mostrou solícita e disposta, me ajudando assim a entrar em contato com as mulheres estudadas neste trabalho. E por fim, mas não menos importante, a todas as maravilhosas colaboradoras dessa pesquisa: Germana Garilli, Maria José Ramalho, Rosa Maria Ramalho, Marina Ramalho, Maria Helena Ramalho e Ita Maia, que com suas histórias de vida inspiraram esse trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar as vivências de mulheres no futebol brasileiro entre as décadas de 1960 e 1990. Desenvolvido através do aporte teórico-metodológico da História Oral, a pesquisa teve o intuito de perscrutar a trajetória de Germana Garilli, Maria José Ramalho, Rosa Maria Ramalho, Marina Ramalho, Maria Helena Ramalho e Ita Maia para compreender como elas, mulheres inseridas em diferentes espaços do futebol, conseguiram entrar e resistir nesse universo de dominação e poder masculinos.

Palavras-chave: Futebol Brasileiro. Vivências. Resistências.

ABSTRACT

This work aims to present the experiences of women in Brazilian soccer between the 1960s and 1990s. The research was carried out through the theoretical and methodological contribution of Oral History, with the aim of examining the trajectory of Germana Garilli, Maria José Ramalho, Rosa Maria Ramalho, Marina Ramalho, Maria Helena Ramalho and Ita Maia, to understand how women, inserted in different spaces of soccer, have managed to resist this universe of male domination and power.

Keywords: Brazilian Soccer. Experiences. Resistances.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
CAPÍTULO I: GERMANA GARILLI.....	15
CAPÍTULO II: IRMÃS RAMALHO.....	26
CAPÍTULO III: ITA MAIA.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52

APRESENTAÇÃO

O futebol é um esporte desde sua origem essencialmente de predominância masculina. É um espaço que serve para afirmar e reafirmar as posições sociais entre homens e mulheres, além de estabelecer uma condição de superioridade do primeiro grupo sob o segundo. Conforme afirma Fábio Franzini: “como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites”¹, e a presença da mulher nesse ambiente desordena essa “lógica masculinizada”. Segundo Carmen Rial, “o futebol praticado por mulheres se iniciou cedo no Brasil; neste sentido, não foi diferente de muitos outros países onde o futebol de mulheres foi contemporâneo ao futebol de homens (tradução nossa)”².

A mulher ganhou espaço no futebol durante as décadas de 1930 e 1940, recebendo assim destaque no Rio de Janeiro e em São Paulo. Contudo, a difusão da modalidade entre as mulheres e os olhares da mídia causaram incômodo na sociedade, e não demorou muito para que as autoridades tomassem providências contra a prática exercida por elas. No dia 14 de abril de 1941, através do Ministério da Educação, o governo Vargas instituiu o Decreto-Lei nº 3.199, que em seu artigo 54 estabelecia que: “[...] às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para esse efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar às necessárias instruções as entidades esportivas do país”³.

O Decreto-Lei era baseado no discurso médico-científico, que legitimava o machismo e o determinismo biológico a qual a mulher era condenada, sendo antes de tudo considerada um corpo “frágil” que necessitava da proteção do Estado. No entanto, como observa Franzini, “[...] o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas ‘funções naturais’ para invadirem o espaço dos homens”⁴.

Giovanna Capucim e Silva afirma que “o afastamento da mulher do meio futebolístico teve início concomitante ao uso político deste esporte, no início da década

¹FRANZINI, Fábio. *Futebol é “coisa pra macho?”* Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 25, n.50, 2005, p.316.

²RIAL, Carmen. *El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil*. 2013, p.117.

³Câmara dos Deputados. Legislação informatizada – Decreto-Lei nº3.199, de 14 de abril de 1941 – Publicação original. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em 30/10/2018.

⁴FRANZINI, F. Op. Cit., p.321.

de 1940 (...) quando o futebol masculino começou a ser chamado de ‘Esporte Maior’ da nação”⁵. Desde a segunda metade dos anos 1950 destacava-se o futebol de vedetes (atrizes do teatro de revista), prática que ocorria caracterizada como partidas beneficentes que promoviam o apoio e disputa entre empresários. No intuito de burlar a legislação imposta, as partidas eram encaradas como um jogo “espetáculo”, uma “caridade”. O jogo não era percebido como competição. Além disso, sua função principal era atrair o público heterossexual masculino, não por acaso o dito “espetáculo” ocorria em estádios: o espaço “institucionalizado como do homem”, uma área reservada em que a mulher não está associada, por isso sua exclusão da imagem ligada ao esporte símbolo do país, da identidade do brasileiro.

Mesmo com a proibição, algumas notícias sobre o futebol feminino foram veiculadas a jornais como *Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, ainda nos anos finais da década de 1950 e início dos anos 1960. É importante evidenciar que mesmo diante de uma legislação proibitiva e dominadora, havia a resistência a esse autoritarismo. Em 2 de agosto de 1965, o Conselho Nacional de Desportos amplia o Decreto-Lei, através da Deliberação nº7 na qual explicitava a proibição da prática, o texto determinava a prática de desportos para as mulheres: “de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball”.⁶

Com um governo autoritário e repressivo, o Brasil terminava os anos 1960, a proibição se torna Lei e a prática considerada crime. Contudo, permanecia a resistência das mulheres, que conscientemente ou não, burlavam as determinações autoritárias do governo e continuam praticando o futebol. Os anos 1970 representaram uma época de significativas modificações no que diz respeito as relações os mulheres e homens no mundo ocidental, “com um decrescimento da dominação masculina e uma expansão do campo das oportunidades para as mulheres, o Brasil reforçava a exclusão destas [mulheres] do esporte que ocupava (e ainda ocupa) um lugar central no imaginário brasileiro (tradução nossa)”⁷. Nessa perspectiva, de acordo com Rial, “impedir as mulheres de jogar futebol era, em termos simbólicos, exclui-las da participação plena na

⁵ SILVA, Giovanna Capucim E. *Futebol Feminino: proibido pra quem?* Uma análise de duas reportagens sobre o futebol praticado por mulheres no período anterior a sua regulamentação como esporte. Florianópolis, 2012, p.5.

⁶Brasil, Deliberação nº7 do ano de 1965, referente a proibição do esporte as mulheres. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/> Acessado em 30/10/2018.

⁷ RIAL, C. Op. Cit., p.121.

nação, já que o futebol servia, mas que qualquer outra prática social, para a construção do sentido de nacionalidade (tradução nossa)”⁸

A internacionalização da prática do futebol contribuiu para a conquista da revogação do Decreto-Lei 7/65 em 21 de dezembro de 1979, ano da Lei da Anistia. O fim da proibição da participação das mulheres no futebol e em outros esportes, no Brasil, ocorreu com a promulgação da Deliberação nº10 de 1979 do Conselho Nacional de Desportes. Porém, essa revogação não significou nenhum tipo de incentivo para a criação de políticas públicas que propiciassem a prática do esporte entre as mulheres. Relativo ao futebol, sua regulamentação ocorreu somente em 1983 com a Deliberação nº1 que dispunha as normas básicas para a sua prática entre as mulheres. O período entre 1979 a 1983 foram marcados pelo ressurgimento das equipes de futebol feminino. Porém, mesmo sendo permitido a prática do esporte entre as mulheres, estas eram proibidas de utilizar os estádios que recebiam jogos oficiais (no caso, jogos do futebol dos homens) além de não ser permitido que os jogos fossem apitados por árbitros relacionados a alguma Federação. Esse período, foi marcado pela luta das jogadoras para a regulamentação e reconhecimento de sua prática.

A trajetória das mulheres no esporte foi e continua sendo construída através de proibições, anulações, lutas e conquistas. As distinções entre a participação e protagonismo que homem e mulher possuem no futebol brasileiro são claras, demarcadas e sustentadas por uma cultura e história protagonizada por homens. Não seria exagerado afirmar que, se o futebol tivesse um gênero, este seria masculino. Como ressalta Silvana Goellner, “não é necessário nenhum elaborado exercício de imaginação para perceber o quanto são brutais, no Brasil, as diferenças entre o futebol praticado por homens e o futebol praticado por mulheres”.⁹ Essa disparidade é manifestada por meio de uma distinção de gênero que engloba além daquelas que jogam futebol:

permeia a educação física escolar, as atividades de lazer, a presença na mídia, a representatividade nos órgãos gestores, a oportunidade do exercício na condução de equipes, a expressividade de pertencimentos clubísticos nos estádios e fora deles, a arbitragem, a concessão de patrocínios nos estádios e

⁸ *Ibidem.*

⁹ GOELLNER, Silvana. Apresentação. In: KESSLER, Cláudia Samuel (Org). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*, 2016, p. 14.

fora deles, entre tantas outras situações nas quais as mulheres têm visíveis desvantagens apenas por serem mulheres¹⁰.

Tendo em vista o discutido acima, os três capítulos que compõem essa pesquisa buscam compreender como, em um cenário de proibições, a prática do futebol se manteve presente entre as mulheres nas mais diversas áreas do meio futebolístico. Desenvolvido através do aporte teórico-metodológico da História Oral, as informações coletadas sobre as mulheres, foco desse estudo, ocorreram por meio de entrevistas agendadas e registradas em mídia. No capítulo 1, contamos a trajetória de Germana Garilli, a primeira mulher no Brasil a entrar em um campo de futebol como jornalista esportiva, em 1971. Nesse capítulo compreenderemos os caminhos que Germana percorreu para alcançar esse feito, desde sua vida como atleta de diferentes modalidades até sua chegada à Rádio Mulher. O capítulo 2 se dedica a contar a história das irmãs Ramalho, que em 1975 fundaram a primeira torcida uniformizada do Esporte Clube São Bento e a primeira torcida uniformizada comandada por mulheres no Brasil. Buscamos dessa forma, compreender os fatos que contribuíram para a fundação dessa torcida, os desdobramentos e os feitos dessas irmãs moradoras da cidade de Sorocaba. O capítulo 3 abordará a trajetória da ex-jogadora e educadora Ita Maia, que saiu do sertão da Bahia, mudando-se para Guaianazes, em São Paulo, onde construiu uma história no futebol de várzea, sendo até hoje um dos símbolos dessa modalidade na cidade paulista. Nesse capítulo buscaremos compreender como a vivência de Ita está entrelaçada aos desdobramentos do futebol feminino após a revogação da proibição.

Por fim, esse trabalho busca compreender as diversas formas de resistências que essas mulheres vivenciaram, para assim contribuir de modo considerável para o estudo de gênero e esporte na historiografia brasileira.

História do projeto

Para compreender de modo mais completo essa pesquisa, é interessante explicar que a escolha de estudar mulheres no futebol ocorreu por uma questão pessoal, de necessidade de pertencimento, ou seja, de enxergar no futebol um espaço onde também pudesse me sentir representada enquanto mulher. Ao longo do processo da pesquisa contei um grande parceiro, o Museu do futebol, que colaborou muito, principalmente

¹⁰ *Ibidem*.

através do Centro de Referência do Futebol Brasileiro. Através do projeto *Visibilidade para o Futebol Feminino*, de 2015, desenvolvido pela Instituição, que tive conhecimento das histórias de mulheres que atuaram no futebol brasileiro. Assim como, a partir desse projeto que selecionei o processo teórico-metodológico da pesquisa: a História Oral. A intenção com a utilização desse método era de ouvir as mulheres narrando a própria vivência dentro do futebol. Ou seja, não era de interesse desenvolver uma pesquisa sobre essas mulheres a partir do olhar de outra pessoa.

Em 2018, entrei em contato com a Aira Bonfim, que na época trabalhava no Museu do Futebol, e um foi uma das responsáveis pelo projeto *Visibilidade para o Futebol Feminino* de 2015. E foi então, através dela que comecei a desenvolver minha rede de possíveis colaboradoras (entrevistadas). O primeiro contato que realizei foi com Ita Maia no dia 24 de setembro de 2018, em um evento que participamos no Museu do Futebol, o *I Encontro de Rede de Pesquisas sobre futebol e mulheres na América latina*. Eu já tinha tido contato com a história dela por meio do projeto de 2015. Após conversa, na qual expliquei o projeto de monografia, que naquela altura estava em andamento, ela aceitou participar e assim, estava confirmada a primeira colaboradora.

Após isso, em novembro, entrei em contato com Germana Garilli, novamente com ajuda de Aira Bonfim. Vale ressaltar, que também conheci a história dela através do projeto de 2015. Com Germana Garilli, o contato ocorreu em 3 de dezembro de 2018, na semana de entrega do projeto de monografia. E assim como tinha acertado com Ita Maia, ficamos de conversar, no ano seguinte, para realizar a entrevista. Porque ainda teria que produzir os roteiros para as entrevistas. Então iniciei 2019 com essa meta estabelecida: desenvolver duas entrevistas e buscar outras duas mulheres para minha pesquisa. Pois, inicialmente, no meu projeto de monografia, tinha estabelecido estudar a vivência de 4 mulheres que atuaram em diferentes áreas do futebol brasileiro. Isso incluía, ter a colaboração de uma arbitra e uma torcedora.

Os roteiros começaram a ser elaborados depois que eu li o livro *História Oral: como fazer, como pensar* de José Carlos Sebe e Fabíola Holanda, o capítulo A Entrevista do livro *A Voz do Passado* de Paul Thompson e o artigo Arquivos: propostas metodológicas de Chantal de TourtierBonazzi que está no livro *Usos e Abusos da História Oral* da Marieta Moraes e Janaína Amado. Depois de lido, comecei a elaborar meu dossiê sobre Germana Garilli e Ita Maia. Esse dossiê possuía informações sobre seus feitos até aquele momento da vida e como tinha sido a atuação de cada uma dentro do futebol. Esse dossiê tinha o intuito de compreender, como meu orientador, Professor

Doutor Fábio Fanzini, havia explicado, o que estava dito e o que não estava dito na trajetória dessas mulheres. Para elaborar esse dossiê realizei pesquisas no Banco de Dados online do Museu do futebol, e visita a biblioteca da Instituição. Além disso, foram pesquisados nos sites com temáticas sobre futebol, e assim, foi sendo coletadas e organizadas as informações mediante o que era encontrado sobre Germana Garilli e Ita Maia nessas plataformas.

Após a leitura da bibliografia e dos dossiês, eu defini como seria as entrevistas, a montagem do roteiro e até mesmo como me portar enquanto pesquisadora-entrevistadora, pois, até aquele momento, não tinha realizado, um trabalho que demandasse tantas etapas. Já havia sido definido, em conjunto com meu orientador um roteiro com dois blocos de perguntas, um mais geral, em que seria abordado questões comuns as duas (Germana e Ita) e um bloco mais direcionado as atividades que cada uma exerceu no futebol. E claro, o intuito das entrevistas era responder as problemáticas que eu tinha levantando no projeto, como por exemplo: se consideram sua atuação resistência e como cada uma se enxergava dentro da identidade Brasil e Futebol. E assim, elaborei os roteiros. E então no dia 12 de fevereiro de 2019, realizei a primeira entrevista, com a Germana Garilli. A entrevista com Ita Maia foi realizada no dia 22 de março 2019, ambas na cidade de São Paulo. As duas entrevistas foram registradas em gravador de voz pelo celular. Com duração de 2 horas, aproximadamente.

A busca pelas outras colaboradoras contou, novamente, com a ajuda do Centro de Referência do Futebol Brasileiro, do Museu do Futebol. Por indicação da equipe do local, conheci a história das irmãs Ramalho. Mandeí e-mail e como estava demorando em receber respostas liguei no clube São Bento, e falei diretamente com a Rosa, uma das irmãs, expliquei meu projeto e assim acertei o dia para realização da entrevista. O processo de produção do roteiro para entrevista com as irmãs Ramalho foi o mesmo das anteriores. Produção de um dossiê, por meio de coleta de informações e roteiro dividido em dois blocos com perguntas gerais e perguntas direcionadas. A entrevista foi realizada em 4 de maio de 2019, na cidade de Sorocaba. E assim encerrei a etapa de realização das entrevistas para a pesquisa.

A etapa seguinte consistiu em trabalhar essas entrevistas. Esse processo foi composto por 4 fases. A primeira, ouvir e transcrever. A segunda fase consistia em ouvir novamente para a textualização, onde corriji falas, vícios de linguagem, deixando assim a fala mais direta assim como retirando trechos irrelevantes ao assunto tratado nas entrevistas. Após isso, escutei mais uma vez, já com as entrevistas textualizadas, e por

fim, iniciei o processo de transcrição, a quarta e última etapa. Nessa, foram organizados os assuntos coletados nas entrevistas, para que os temas abordados estivessem expostos de forma sequenciada, seguindo assim um pouco do roteiro elaborado. Finalizado as quatro etapas. Entrei em contato com cada uma das colaboradoras e enviei as entrevistas para que elas pudessem conferir e aprovar, assim como, também foi agendado uma data para assinatura da *Carta de Concessão*. O modelo do termo foi retirado do livro *História Oral: como fazer, como pensar* de José Sebe e Fabíola Holanda. Foram realizadas alterações nas entrevistas de Germana Garilli e Ita Maia. Feito isso, os capítulos foram escritos.

Essa pesquisa se mostrou um grande desafio. Primeiro porque tive que trabalhar com uma fonte de pesquisa diferente daquela que estava habituada e segundo, porque essa pesquisa envolveu várias etapas, que iam desde a produção da própria fonte, em colaboração com outras pessoas, no caso as entrevistadas, até a maneira como cada uma das entrevistas foram analisadas. O processo de análise das entrevistas foi um momento de repensar tudo o que havia sido construído até aquele ponto, desde o projeto da monografia, o contato inicial com as mulheres e o momento em que o gravador foi desligado e a entrevista encerrada. O antes estava cheio de expectativa e curiosidade, e o depois buscava compreender a fala delas mediante as problemáticas levantadas e a bibliografia lida.

CAPÍTULO I

GERMANA GARILLI

A participação e contribuição da mulher para o futebol brasileiro se desenvolveu e ainda se desenvolve por meio de diversas dimensões. Embora boa parte da historiografia se dedique a estudar a experiência da mulher mais atrelada a sua atuação enquanto atleta, ela vivência esse espaço de diversas formas, e assim ganha visibilidade e protagonismo. O capítulo a seguir discutirá a contribuição de uma mulher que, embora tenha atuado por anos como atleta, foi como jornalista que ganhou visibilidade e reconhecimento.

Germana Garilli, mais conhecida como Gêgê, nasceu na capital de São Paulo em 26 de dezembro de 1927, filha mais velha e a única mulher entre quatro irmãos. Foi o pai Armando Garilli, um ex-jogador de futebol amador do Rio de Janeiro, que lhe ensinou o que era o futebol:

Eu achava tão besta, tanto homem correndo atrás de uma bolinha (...) aí o papai falou assim para mim: *vou te explicar*. Aí ele me explicou. Ouvia pelo rádio né. Aí ele me levou (...) fui assistir à uma partida, ele me explicou, explicou. Aí minha filha! Eu adorei, comecei a jogar com os meninos¹¹.

Nascida em casa, na Rua Bresser, na região do Brás, de uma família abastada, como a mesma diz, possuía uma vida que para a época, “vamos dizer de milionária”¹². Germana lembra que sua mãe, Nila Puccinelli Garilli, fazia bolas de meia para que ela e seus irmãos jogassem futebol na rua: “depois a gente comprava uma bola, juntava a garotada do bairro ali né. E eu jogava muito com os meninos todos”¹³. Ou então era com a família que os momentos ocorriam: “homens e mulheres, era uma farra. Os homens pouco jogavam, mas as mulheres jogavam”¹⁴. Em sua casa, era a que mais gostava de praticar esportes, ao contrário de seus irmãos. Dedicando-se por anos a práticas de diferentes modalidades esportivas.

¹¹ Depoimento de Germana Garilli em entrevista realizada em São Paulo em fevereiro de 2019.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*.

Germana sempre foi ligada ao esporte, praticou atletismo amador no São Paulo Futebol Clube, quando este usava o Canindé como local de treinamento¹⁵. Ela conta que após os treinos de atletismo: “a gente ficava tudo sentado na lateral do rio vendo os jogadores profissionais do São Paulo jogar e às vezes no intervalo (...) a gente começava a bater bola”¹⁶. E foi jogando bola com outra menina que um dos técnicos do São Paulo notou seu talento:

Ele falou assim: *ei você está batendo bola aí*. Aí eu disse: *não, eu já vou sair*. Ele falou: *não, dá mais uma batida*. Aí eu comecei a bater bola, fazer umas embaixadinhas. Ele falou: *sabe que você tem jeito para futebol*. Eu falei: *vou jogar com quem? Só se for com vocês aí*. *Não tem futebol para mulher*. Aí eu comecei a fazer alguma coisa. Peguei uma menina, aí peguei outra e mais outra e começamos a jogar e foi indo e indo (...) depois eu fui para o Indiano. E foi lá que eu pude deslanchar¹⁷.

Não demorou para Germana ampliar sua experiência no mundo dos esportes. Por se destacar em sua atuação, recebeu convites para desenvolver atividades em outros lugares, como na Associação Cristã de Moços¹⁸, um clube esportivo de origem inglesa, na qual era sócia e praticava ginástica e natação¹⁹. Nas palavras da própria, ao se destacar “um pouquinho”, foi convidada para dar aulas como professora substituta. Logo em seguida, recebeu um convite do departamento de relações públicas para trabalhar na Revista da Associação.

Ainda trabalhando na ACM, foi convidada pelo Capitão do Corpo de Bombeiros, Dimas²⁰, para aos domingos dar aulas como professora de ginástica aeróbica para mulheres no Clube Atlético Indiano²¹, um clube de campo poliesportivo fundando em 1930 as margens da represa do Guarapiranga. Com o crescimento das praticantes, Germana começou a ajudar no vôlei e na natação, e foi no CA Indiano que começou a desenvolver o futebol feminino: “tinham equipes, aquelas brincadeiras de

¹⁵ Entre 1944 a 1956, o São Paulo FC utilizou como centro de treinamento um terreno no bairro do Canindé. *Canindé – SPFC*. Disponível em: <<http://www.saopaulofc.net/spfcpedia/a-historia-do-spfc/caninde>> Acessado em 30/05/2019.

¹⁶ Depoimento de Germana Garilli em entrevista realizada em São Paulo em fevereiro de 2019.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ *Conheça a ACM*. Disponível em: <<https://acmsaopaulo.org.br/conheca-a-acm/>> Acessado em 06/06/2019.

¹⁹ Em entrevista realizada para esta pesquisa Germana Garilli não datou o período em que se associou ao clube e que começou a praticar esportes na instituição.

²⁰ Do que foi possível apurar sobre o Capitão Dimas, segundo informações de Germana Garilli, ele foi uma personalidade atuante dentro do Clube Atlético Indiano, responsável por promover e desenvolver diversas modalidades esportivas dentro do clube.

²¹ *O Clube*. Disponível em: <<http://indiano.com.br/about-us/>> Acessado em 06/06/2019.

casado e solteiro”²². Sendo também, convidada pelo Clube para dar aula junto com o Capitão Dimas, as terças e quintas pela noite para os homens que jogavam futebol.

Não é coincidência o fato de Germana ter começado a desenvolver o futebol para mulheres no CA Indiano. Silva explica que, “muitas mulheres em espaços e com intenções diversas o fizeram. De acordo com as notícias, as mulheres praticavam o futebol principalmente de três maneiras: nas várzeas, nos clubes beneficentes da alta sociedade e, eventualmente, nas festividades de inauguração e aniversários de municípios do interior”²³. Silva aponta que o Clube Atlético Indiano foi “o primeiro clube amador paulistano a noticiar a organização de uma equipe feminina, em 1970”²⁴. A estrutura do clube possibilitava o desenvolvimento da modalidade. Embora fosse um clube amador “possuía uma estrutura ímpar”²⁵.

Mesmo com a prática de jogar futebol ganhando espaço entre as mulheres fora e dentro do Brasil, muitos se opunham a isso, não somente no que diz respeito ao jogar, mas também à presença da mulher em qualquer espaço relacionado ao futebol, exercendo qualquer tipo de atividade. Contudo, isso não foi suficiente para barrar as mulheres, e assim elas continuaram a prática do futebol nos anos 1970.

Germana Garilli trabalhou no Clube Atlético Indiano por 12 anos, ainda quando começou a desenvolver seu trabalho como jornalista esportiva. Além disso, não abriu mão de seu trabalho na Associação Cristã de Moços, dividindo seu tempo também desenvolvendo atividades no Instituto Dante Pazzanese:

Trabalhava [no Clube Atlético Indiano] até quase uma hora [da tarde], saía correndo, ia para Rádio Mulher (...) trocava, punha o uniforme da rádio, pegava perua e ia para o campo. Que a partida começava as quatro [da tarde], mas a gente tinha que ir lá fazer a ligação (...) cheguei a trabalhar em quatro lugares²⁶.

Ainda que a existência de uma equipe de futebol de mulheres se mostre interessante, tendo em vista o Decreto nº7 de 1965 que regia a prática no tocante as mulheres, as competições direcionados a esse grupo não ocorria de fato. A historiografia que se dedica a estudar esse período explica que as partidas que ocorriam durante os

²² Depoimento de Germana Garilli em entrevista realizada em São Paulo em fevereiro de 2019.

²³ SILVA, Giovana Capucim. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015, p.66.

²⁴ Ibid., p.68.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Depoimento de Germana Garilli em entrevista realizada em São Paulo em fevereiro de 2019.

anos da proibição, possuíam um caráter beneficente ou festivo. Isso exemplifica-se na fala de Germana ao explicar como se realizavam os jogos em que a equipe feminina disputava:

Nós não competíamos. Nós tínhamos a equipe só de casadas, só de solteira, só as mais velhas, só as mais novas (...) a gente levou sempre numa brincadeira, sempre numa boa. Não era competição, era mais entre nós. Às vezes no aniversário do Clube, eles convidavam outra equipe, então eles faziam uma equipe do Clube Atlético para jogar com outras. Não tinha visibilidade (...) na época, eu acho que convidamos só duas equipes, uma era do Clube de Regatas Tietê (...) e a outra equipe era da VASP²⁷.

Os jogos em que essas equipes femininas participavam tinham apenas a finalidade de lazer, sem qualquer comprometimento em promover a modalidade profissionalmente, o que era impossibilitado, devido a lei. A profissionalização do futebol feminino foi recorrentemente prejudicada pelas autoridades governamentais e esportivas brasileiras, dessa forma, Eriberto Moura ressalta que “o futebol feminino desenvolveu-se no Brasil em suas expressões possíveis e, em especial, como conteúdo do lazer frente às mulheres brasileiras”²⁸. Por isso, “essas partidas não possuíam nenhum caráter esportivo, eram divulgados como espetáculos com finalidade de entretenimento”²⁹. Isso explica o porquê de Germana nunca ter sofrido nenhuma represália por parte de autoridades ou reclamações da sociedade que poderia se incomodar com a atividade desenvolvida por esse grupo de mulheres.

E foi ainda trabalhando no departamento de relações públicas de imprensa da Associação Cristã de Moços, que a Rádio Mulher³⁰ apareceu em sua vida: “que sabiam que eu jogava futebol no Indiano, que eu tinha a equipe feminina de futebol”³¹, que o

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ MOURA, Eriberto José Lessa De. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003, p.2.

²⁹ SILVA, G. C. E. Op. Cit., p. 66.

³⁰ A Rádio Mulher operou por seis anos, entre 1970 a 1976. Criada pelo empresário Roberto Montoro, sua equipe era majoritariamente composta por mulheres, e sua programação também era direcionada ao público feminino, com espaço para o futebol (masculino) aos finais de semana. A Rádio Mulher possui importância principalmente por ter rompido barreiras ao oferecer um espaço onde apenas mulheres trabalhavam e discutiam futebol. *Acervo Museu do Futebol*. Disponível em: <<http://dados.museudofutebol.org.br/#/tipo:instituicoes/626331,R%C3%A1dio%20Mulher>> Acessado 06/06/2019.

³¹ Nessa equipe formada no Clube Atlético Indiano algumas de suas companheiras eram Zuca, irmão do jogador são-paulino Marin, a cunhada do jogador Rivellino, e Ferrari que além de futebol jogava basquete. Contudo, vale ressaltar que essa não foi a primeira equipe de futebol feminino que Germana

Capitão Dimas também ajudava”³². A Rádio Mulher foi um importante veículo de comunicação de massa, para que o público feminino pudesse acompanhar o futebol masculino. Com uma equipe apenas de mulheres, que faziam desde a narração do jogo até a ligação dos fios no estádio para o estúdio, esse talvez tenha sido o maior trunfo da Rádio, mulheres trabalhando com futebol. Não existem dados que comprovem a relação entre a criação da Rádio Mulher com o crescimento da prática do futebol entre as mulheres, mas é possível estabelecer essa relação, pois como explica Silva, o quadro construído ao longo do ano de 1971 mostrava o crescimento do futebol feminino, “ganhando visibilidade e aceitação pelo mundo, principalmente na Europa, mas também em outros grandes países latinos, como México e Argentina”³³.

Germana Garilli começou a trabalhar na Rádio Mulher em 1971, e foi lá que passou a ser conhecida como Gêgê. Apelidada pela locutora Zuleide Ranieri, pois quando “tinha dúvida sobre algum lance, porque da equipe quem conhecia mais de futebol mesmo era eu. Então, jogava: *fala daí Gêgê, o que aconteceu?*”³⁴.

“Com a cara e a coragem”³⁵ é assim que descreve a primeira vez em que pisou no campo do Pacaembu, ao fazer sua estreia profissional como repórter esportiva da Rádio Mulher:

Entrei, eu vi que a turma estava olhando. Aí um repórter da Bandeirantes, o Roberto Silva que o pessoal chamava ele de “olho vivo”, ele se achegou e falou: *eu posso ajudar em alguma coisa?* Aí eu me apresentei junto com a técnica de som. Aí ele nos recebeu, e falou com os colegas: *olha nós vamos ter uma companheira, que beleza*³⁶.

Logo depois, foi Meire, uma fotógrafa da Gazeta Esportiva e “a única mulher que entrava com a turma dos fotógrafos”³⁷, cumprimentá-la. E foi em Meire que Germana encontrou apoio, sendo também a fotógrafa responsável por “tirar fotografia minha em todo lugar dos campos de futebol”³⁸. Com os jogadores, Germana conta que:

Garilli montou. Enquanto praticante de atletismo amador no São Paulo FC, também iniciou uma equipe formada por algumas mulheres, colegas de clube.

³² Depoimento de Germana Garilli em entrevista realizada em São Paulo em fevereiro de 2019.

³³ SILVA, G. C. E. Op. Cit., p.56.

³⁴ Depoimento de Germana Garilli em entrevista realizada em São Paulo em fevereiro de 2019.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ *Ibidem*.

Alguns [jogadores] foram muito simpáticos, a maioria muito simpática, muito gentil, muito respeitosa (...) então, se tivesse alguma brincadeira, alguma coisa, apesar que eu sempre fui esportiva. Mas, sempre fui muito respeitada, dentro do campo, como fora do campo³⁹.

Um desses jogadores, é Ademir da Guia, a quem ela diz prezar muito. Germana lembra um episódio ocorrido logo no princípio de sua atuação como repórter, em seu segundo ou terceiro jogo. Ademir, que na época atuava pelo Palmeiras, estava saindo de campo:

(...) os repórteres de campo falaram: *Germana, ele não gosta muito de falar*. Mas, mesmo assim eu quis tentar. Desliguei o microfone, ele vinha vindo, era no intervalo de jogo. Aí eu cheguei e falei: *senhor Ademir, eu sou Germana, repórter, o senhor pode dar uma palavrinha para mim?* Ele falou: *com muito prazer*. Aí eu liguei o microfone. Ele falou comigo com o maior respeito, ficou contente de ser entrevistado, falamos o que tivemos que falar, desliguei, ele me agradeceu e foi embora⁴⁰.

“Respeito”, é a palavra recorrentemente mencionada por Germana ao descrever sua atuação enquanto repórter de campo. Revelando por trás disso uma “técnica” que possuía para entrevistar os jogadores: não os entrevistar na saída de campo, em meio ou fim de partida, porque “o jogador está cansado ou o resultado está negativo (...) aconteceu alguma coisa no campo e ele veio meio esquentado (...) os poucos que eu entrevistei no intervalo, eles que vieram falar comigo”⁴¹.

³⁹ *Ibidem.*

⁴⁰ *Ibidem.*

⁴¹ *Ibidem.*



Foto 1 – Germana entrevista Rivellino. Fonte: Acervo Pessoal.

Essa “técnica” que prefiro chamar de “meio de adaptação”, pode ser pensada como um reflexo do espaço onde ela, uma mulher, estava inserida, na qual já existia uma dinâmica de socialização, sendo a mulher uma intrusa, pois a vida social e esportiva é um “espaço exclusivo de afirmação da masculinidade”⁴². Germana explica que, esse respeito – recorrentemente mencionado por ela, ao relatar a postura tanto da parte dela para com os jogadores e repórteres, quanto ao contrário – estava, por exemplo, no palavreado. Ela relata que o empresário do Pelé: “sempre falava para turma dos repórteres para moderarem a voz e o palavreado porque tinha uma colega mulher. Por isso, mesmo dentro dos repórteres eu nunca sofri nada. Pelo contrário, a gente até brincava”⁴³. No entanto, “eu liberei, eu falei para o empresário do Pelé: *o sapo de fora sou eu, estou no ambiente de trabalho de vocês, vou fazer parte, fique à vontade, não vai me ferir nenhum palavreado, não dirigido a mim, mas entre a turma*”⁴⁴.

Adaptar-se a esse ambiente não pareceu ser um problema para Germana. Sobre o machismo ela diz que “a gente sentia, claro”, mas a relação familiar com a presença forte da figura masculina do pai e dos três irmãos ajudou a lidar com o ambiente. No

⁴² MOURA, E. J. L. De. Op. Cit., p,76.

⁴³ Depoimento de Germana Garilli em entrevista realizada em São Paulo em fevereiro de 2019.

⁴⁴ *Ibidem*.

entanto, mesmo Germana conseguindo fazer parte desse ambiente, as limitações da sua condição dentro dessa área vinculada à uma figura hegemônica, estavam impostas fisicamente, por exemplo, através da ausência de banheiro feminino:

Então, eu chegava no estádio [aos domingos], 13h30 no mais tardar 14h. tinha que fazer isso tudo [fazer a ligação com o estúdio], para o futebol ir as 16h, a gente [Germana e a técnica de som] ficava plantada lá. E não tinha toalete para mulher. Depois que arrumaram, só depois que começaram a ter mais jornalista mulher⁴⁵.

A torcida, segundo ela “às vezes vaiava”, mas ainda assim “todas as torcidas me respeitavam muito bem”⁴⁶. Duas figuras femininas são destacadas por Germana quando relata o apoio que recebeu da torcida: “a [torcida] do Corinthians tinha Elisa⁴⁷, que era chefe da torcida. Ela era respeitadíssima no Corinthians, ela foi uma que me deu muita força, me chamava de amiga (...) da torcida do São Paulo, tinha a Fininha^{48,49}. Elisa, intitulada como torcedora nº1 do clube paulista tornou-se uma figura de grande popularidade, pois “nas décadas em que elas surgem no cenário futebolístico a torcida, em sua ampla maioria, era formada por homens. A condição feminina pode conceder alguns privilégios e esse aspecto fica bastante claro, principalmente, no caso das torcedoras-símbolo”⁵⁰. Leda Costa explica ainda que “grande parte dessa tipologia de torcedora é composta por mulheres de idade madura, o que reforça sua dissociação da violência assim como a reveste de atributos maternos”⁵¹.

Germana cursou jornalismo prático, no entanto devido a lei de 1969⁵² não precisou concluir o curso para começar a atuar como jornalista esportiva. Foi aceita pela federação e pelo Sindicato dos jornalistas. Não completou o curso, pois, segundo ela “só

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ Elisa Alves do Nascimento nasceu em 1910 vindo a falecer em 1987, se tornou uma torcedora símbolo do Corinthians devido seu apoio e atuação pelo clube. *Corinthians reinaugura memorial em homenagem a Dona Elisa*. Disponível em: <https://www.meutimao.com.br/noticia/206288/corinthians_reinaugura_memorial_em_homenagem_a_dona_elisa> Acessado em 02/06/2019.

⁴⁸ Nossas pesquisas não conseguiram informações a respeito dessa mulher. Quando questionada, Germana disse não saber nada mais relacionado à essa torcedora, não sabe informar nem se ela ainda está viva.

⁴⁹ Depoimento de Germana Garilli em entrevista realizada em São Paulo em fevereiro de 2019.

⁵⁰ COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Esporte e Sociedade*, nº4, ano 2, nov2006/fev2007, Rio de Janeiro, p. 9.

⁵¹ *Ibid.*, p.9,10.

⁵² Decreto-Lei nº 972 de 17 de outubro de 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0972.htm> Acessado em 07/06/2019.

o faria pelo diploma”⁵³. O que não a impossibilitou de exercer a profissão de repórter: “fiz prova de estúdio, fiz prova de voz na Rádio Mulher, fiz leitura de texto. Passei por uma sabatina e fui aprovada na mesma hora”⁵⁴.



Foto 2 – Carteirinha do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão de SP.

Fonte: Acervo Pessoal.



Foto 3 – Carteirinha da Associação dos Cronistas Esportivos de SP. Fonte: Acervo Pessoal.

⁵³ Depoimento de Germana Garilli em entrevista realizada em São Paulo em fevereiro de 2019.

⁵⁴ *Ibidem*.

Tanto o surgimento da Rádio Mulher quanto o início da carreira de Germana como jornalista esportiva estavam inseridos em um período em que não era possível para mulher ver no futebol uma área de atuação profissional. Germana conta que “não tinha tanto [mulher]. E não encontrava ninguém que achasse um entusiasmo, dentro do ambiente esportivo”⁵⁵. A Rádio Mulher, como já mencionado, ganhou enorme repercussão, direcionado ao público feminino, seu destaque era muito devido à sua equipe, “um grupo só de mulher (...) até a motorista da nossa perua era mulher. De homem, na rádio só tinha, “seu” Montoro, “seu” Vagner que era o diretor administrativo e da parte comercial. E tinha o Paulinho, que às vezes estava na mesa de som”⁵⁶. A Rádio Mulher contava com duas jornalistas no departamento de jornalismo como nomes como Zuleide Ranieri, a locutora, Meire Gerçi, Claudete Troiano, Jurema Iara, as Irmãs Portela, Aurora e Lili e Lea Campos, a juíza.

Além do futebol, Germana trabalhou também na Rádio Mulher fazendo o noticiário, a programação musical, jornalismo e participava como entrevistada para a rádio. Sobre essa ampla participação no meio jornalístico, Germana conta que: “até fui um pouquinho explorada dentro do jornalismo”, mas logo ressalta que “sempre fui de boa paz, para mim era uma experiência, era uma vivência. Não me queixo não”⁵⁷.

A vivência de Germana Garilli dentro do espaço do futebol se deu de duas maneiras distintas. A primeira como jogadora amadora, e a segunda como jornalista esportiva. Atuando como jogadora amadora, Germana estava inserida dentro de um ambiente (o Clube Atlético Indiano) em que o futebol era naquele momento uma possibilidade, pois a equipe da qual fazia parte “foi organizada pela comissão técnica de futebol do clube, ou seja, foi como se aqueles que detivessem o poder sobre os espaços de atuação futebolística no clube convidassem as ‘moças e senhoras associadas do clube’ a ocupa-lo”⁵⁸. Atrelado ao fato dessa equipe ter sido organizada com a finalidade de divertimento sem qualquer compromisso profissional com a modalidade. Por isso, mesmo com a existência de uma equipe de mulheres jogando bola, entre elas Germana Garilli, não é certo afirmar que a resistência ocorreu de forma consciente. Fato é que, essa atuação mesmo que amadora, contribuiu de certa forma, pelo menos para as

⁵⁵ *Ibidem.*

⁵⁶ *Ibidem.*

⁵⁷ *Ibidem.*

⁵⁸ SILVA, G. C. E. Op. Cit., p.69.

envolvidas na equipe, para que a prática de jogar futebol continuasse existindo, entre as mulheres, mesmo que sob a ótica do lazer e com o respaldo da presença masculina, afinal essa era uma das maneiras em que o futebol feminino era praticado no Brasil dos anos 1970. Entretanto, é possível sim afirmar que essa atuação como jogadora amadora era um modo de resistência, mesmo que inconsciente.

Já como jornalista esportista, o ambiente em que estava inserida era outro, um estádio de futebol profissional, ocupado apenas por homens, com algumas exceções, como é o caso de Elisa e Fininha. E sua atuação não estava mais sob a ótica do lazer, mas sim do profissionalismo. Mesmo a prática do jornalismo esportivo para a mulher não sendo proibido pela lei, não é difícil de compreender que a presença da mulher dentro de qualquer área do futebol era mal vista. O futebol não era lugar para mulher, por isso desenvolver uma atividade profissional também não era uma possibilidade. Contudo, Germana conseguiu atuar nesse meio. Talvez por ter se envolvido profissionalmente com o futebol seja mais evidente para Germana a ideia de ser uma resistência dentro desse ambiente: “eu acho que fui uma resistência dentro desse meio. E continuo sendo”⁵⁹, mesmo afirmando que não enfrentou restrições diretas e o machismo que vivenciou o vê como sendo o normal da época. É preciso considerar que nos anos 1970, no Brasil, a mulher não era considerada um sujeito participante do esporte de maior expressão do país.

Por isso, na sua perspectiva, seu trabalho enquanto jornalista esportiva seja visto como algo que de fato contribui para a mulher no futebol:

Eu sempre defendi. Sempre lutei pela mulher no futebol. Meu ponto de vista sempre foi esse (...) eu acho que não tem que ter diferença de sexo. Para mim não tem profissão que é de mulher e que é de homem (...) não quero altar, não quero nada, a minha semente tem que ficar lá lutando (...) eu acho que fui uma semeadora, vamos dizer assim. Eu fico feliz de ter começado alguma coisa, ter aberto uma porta, ter colaborado⁶⁰.

⁵⁹ *Ibidem.*

⁶⁰ *Ibidem.*

CAPÍTULO II

IRMÃS RAMALHO

A relação mulher e esporte vem ganhando visibilidade nos dias atuais, muito devido as mídias sociais, que servem como espaço para a mulher poder discutir e expor suas opiniões sobre o esporte símbolo do país. Além disso, a mulher no esporte vem se tornando “um fenômeno mundial, que já há algum tempo vem sendo tema de muitas pesquisas acadêmicas dentro e fora do Brasil”⁶¹. A história da mulher como indivíduo de importância dentro desse esporte foi construída à custo de impedimentos, concessões e conquistas. Contudo, não é de hoje que a mulher busca se estabelecer como sujeito participante do esporte de maior visibilidade do país. A Torcida Uniformizada Tira-Prosa, fundada nos anos 1970, na cidade de Sorocaba pelas irmãs Ramalho é um exemplo dessa tentativa, que já adianta ter sido bem-sucedida em sua atuação.

A Torcida Uniformizada Tira-Prosa do São Bento teve como fundadoras as irmãs Maria José, a Zezé, nascida em 22 de junho de 1954, Paula, já falecida, Rosa Maria, nascida em 03 de setembro de 1956, Marina, de 05 de abril de 1958 e a caçula, Maria Helena, nascida em 26 de abril de 1961. As filhas do apaixonado por futebol José Carlos Ramalho e de Maria Nazaré Molfi Ramalho, fundaram em 1975 a primeira torcida uniformizada comandada por mulheres no Brasil e a primeira torcida organizada oficial⁶² do Esporte Clube São Bento. Foi com o pai que aprenderam o que era futebol e amar ao “Bentão”.

Para Maria Helena e Rosa a lembrança que possuem da mãe é sempre costurando: “a gente nasceu, minha mãe na máquina e vivemos, crescemos, ficamos adultos e minha mãe na máquina”⁶³. Já para Maria José a lembrança do pai é “ouvindo jogo”, e completa Marina: “rádio o dia inteiro, ele amava rádio, nossa! E música, ele gostava”⁶⁴. O pai foi a maior influência que tiveram, Maria Helena lembra que: “ele era assinante de três jornais. Ele era *super* antenado com as coisas. Era extremamente inteligente, antenado, esperto. A gente aprendeu até a ouvir jornal de rádio, noticiário com ele”⁶⁵.

⁶¹ COSTA, L. M. Da. Op. Cit., p, 1.

⁶² Ressalto que essas afirmações são devidas ao fato de que a Torcida Uniformizada Tira-Prosa é a primeira torcida na qual se tem o registro (reportagem de jornal) de sua inauguração e atividade.

⁶³ Depoimento das Irmãs Ramalho em entrevista realizado em Sorocaba em maio de 2019.

⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁵ *Ibidem*.

José Carlos foi um comerciante que: “adorava pescaria, nunca serviu para ter patrão (...) ele cismava de assistir jogo em São Paulo, ele ia”⁶⁶. E foi justamente isso que levou a família para cidade de Sorocaba, devido a compra de um comércio. Nascidas em Piedade, a mudança aconteceu em 1964 depois de um jogo do São Bento, clube maior expressão da cidade de Sorocaba. Rosa conta que o pai “veio assistir um jogo de São Bento e Santos [pelo Campeonato Paulista], no Estádio Humberto Reale⁶⁷ e voltou para casa com a chave desse bar e mercearia que ele comprou em Sorocaba. Simplesmente!”⁶⁸. A mãe Maria “pirou”, sem saber como seria a vida nessa nova cidade, mas mesmo assim acompanhou o marido. “A gente fala que o São Bento é importante para nós até nesse sentido. Foi o São Bento que nos trouxe para Sorocaba”⁶⁹, conta Rosa.

O comércio comprado pelo pai das irmãs Ramalho localizava-se na Rua Princesa Isabel esquina com a Comendador Oeterer. E foi ali que o José Carlos fundou o Princesa Isabel Futebol Clube, um time de futebol, que contava também com futebol de salão e ciclismo. O pai aproveitava a área da frente do estabelecimento para promover corridas aos domingos, e as filhas, ainda crianças participavam dos eventos. Maria Helena conta aos risos que “levantava cedinho, ralava no domingo a manhã inteira”⁷⁰, mas era divertido. Como dono do time José Carlos promovia eventos esportivos através de convênios com a prefeitura, envolvendo assim toda a comunidade:

A cidade não era só o Princesa Isabel, tinha os campeonatos em cada bairro, tinha seu time, tinha essas disputas. E o time Princesa Isabel do meu pai, era um deles. Ele criou um time, montou o time dele, mas o bairro tinha seus times e disputava o campeonato municipal. E várzea né⁷¹.

O futebol sempre esteve presente na vida das irmãs Ramalho, desde as brincadeiras de infância. Maria Helena e Marina tinham cada uma seu próprio time de futebol, sendo elas mesmas as capitãs. A caçula lembra que os jogos ocorriam “na rua de terra e meu pai fechava o bar e ficava assistindo ao jogo da gente”⁷². As duas irmãs que escolhiam os jogadores, e engana-se quem pensa que o time era apenas de garotas,

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ Primeiro estádio de futebol da cidade de Sorocaba, local onde até 1978 foi a casa do clube São Bento.

⁶⁸ Depoimento das Irmãs Ramalho em entrevista realizado em Sorocaba em maio de 2019.

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ *Ibidem*.

⁷¹ *Ibidem*.

⁷² *Ibidem*.

os meninos também participavam, sem questionar o porquê duas meninas serem capitãs de times de futebol. As irmãs não se lembram de sofrer preconceito por jogar bola, “era tão natural”, conta Marina. Ao contrário do ocorrido quando a mesma decidiu participar do teatro, elas lembram que a mãe recebeu uma carta anônima, pedindo para que ela não permitisse que filha participasse desse “antro de pessoas”⁷³. Essa naturalidade de duas meninas jogando bola, seja talvez causada pela presença do pai, a figura masculina aprovando a ação das filhas ao assistir os jogos, como ressalta Rosa ao explicar a história da carta: “preconceito enorme com teatro. Com futebol não (...) acho que é porque meu pai dava esse respaldo para gente”⁷⁴.

Se quando criança, o brincar de bola na rua de casa era visto com naturalidade, ir para a arquibancada não se mostrou ser tão simples assim: “no campo foi cruel quando a gente foi. Só faltava jogar coisas em nós. A torcida xingava de palavrão mesmo”⁷⁵, conta Marina. As irmãs Ramalho se depararam com uma grande resistência dos homens torcedores ao irem para o estádio torcer pelo São Bento, ao demonstrarem assim que o amor pelo futebol e pelo Clube era além do pai, a figura masculina que respaldava a presença delas enquanto mulheres nesse ambiente de socialização masculina.

A primeira vez das irmãs Ramalho em um estádio aconteceu às escondidas do pai. A recepção dos torcedores foi inesperada pelas irmãs, Rosa lembra:

A gente não imaginava a recepção que a gente ia ter. Imagina meu pai lá no campo e ele nos vê. Ele estimulou a gente a gostar de futebol do Princesa Isabel, o São Bento foi consequência do Princesa Isabel. Imagina ele vendo a gente no estádio sendo xingada daquele jeito. A gente se escondia⁷⁶.

Maria Helena conta que eram “as primeiras a chegar no estádio e as últimas a sair. Porque era muito xingo. Era ofensivo, ofensivo mesmo”⁷⁷. Maria José lembra que: “eles acharam que a gente era Maria-chuteira”⁷⁸. Xingamentos por parte dos homens dentro do estádio, foi uma realidade que as irmãs Ramalho tiveram que enfrentar, mas isso não foi um problema: “a gente enfrentava. Falavam palavrão a gente fingia que não

⁷³ *Ibidem.*

⁷⁴ *Ibidem.*

⁷⁵ *Ibidem.*

⁷⁶ *Ibidem.*

⁷⁷ *Ibidem.*

⁷⁸ Leda Costa explica que Maria-Chuteira é uma “terminologia, antes usada para denominar de maneira geral e estereotipada a presença feminina nas arquibancadas”, p. 13 (2007)

era com a gente. Fazia cara de paisagem”⁷⁹, contam Rosa e Maria Helena. A rebeldia da idade foi talvez o maior incentivador, além do pai, para que elas persistissem nessa jornada. Contudo, essa resistência masculina não durou muito: “isso foi no primeiro impacto, porque depois a gente quebrou esse gelo”, “eles cansaram”, “quando perceberam que a gente não ia desistir”.

De acordo com Dunning e Maguirre, “o esporte se tornou um dos lugares importantes e legítimos para o ensino e a expressão dos valores masculinos relativamente permanentes”⁸⁰, concluindo assim que “no nível sociológico, portanto, não é surpreendente que os homens tenham geralmente a tendência a se opor às tentativas das mulheres em participar ativamente de esportes que eles consideravam como uma reserva particular”⁸¹. Silva explica que “pressupunha-se que as arquibancadas eram ocupadas exclusivamente por homens heterossexuais. No limite, apenas eles poderiam envolver-se com futebol de qualquer maneira, não se caracterizando como um espaço legítimo de atuação feminina ou de outras formas de *ser homem*”⁸². Por quê continuar retornando aos jogos no estádio mesmo com esse cenário de reprovação? “Porque a gente era atentada!”, explica Rosa, e Marina completa: “quem falou que futebol é para homem?”⁸³.

Mesmo com toda essa resistência, as irmãs Ramalho logo buscaram meios de serem aceitas naquele ambiente:

Sorocaba não tinha polícia feminina na época, então ninguém podia revistar nossas bolsas. Aí a gente passou a ser útil, porque a gente ia, levava um bolsão a tiracolo, e enchia de rojão, e ninguém revistava a nossas bolsas. Quando o time entrava em campo a gente começava a distribuir o rojão, aí a gente foi quebrando tudo isso (...) então assim, teve o momento que a gente levou o xingo. Mas, poxa, aí cansa né. Você vê o primeiro jogo, o segundo jogo, terceiro jogo, aí a gente resolve a formar torcida. Quando a gente decidiu formar a torcida, a gente já era aceita ali ⁸⁴.

⁷⁹ Depoimento das Irmãs Ramalho em entrevista realizado em Sorocaba em maio de 2019.

⁸⁰ DUNNING, Eric; MAGUIRRE, Joseph. “As relações entre os sexos no esporte”. *Revista de estudos feministas*. IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v.5, no 2, 1997, p.342.

⁸¹ *Ibid.*, p.343.

⁸² SILVA, G. C. E. Op. Cit., p.39.

⁸³ Depoimento das Irmãs Ramalho em entrevista realizado em Sorocaba em maio de 2019.

⁸⁴ *Ibidem*.

Quando a Torcida Tira-Prosa nasceu a presença das irmãs Ramalho nos jogos do São Bento já era garantida, e a agressividade dos torcedores homens tenderam a diminuir:

A gente ia assistir os jogos do São Bento no Humberto Reale, era um estádio pequeno. (...) A Ponte Preta veio fazer um jogo contra o São Bento e a torcida da Ponte é muito presente né, naquele momento ela já era atuante. E ela lotou o lado visitante do estádio com os bandeirões. Era muita bandeira. Quando o time entrou em campo eles fizeram aquela festa. E a torcida do São Bento eram torcedores, o máximo que faziam era bater palmas⁸⁵.

Sem a menor pretensão de se tornarem a primeira torcida oficial do clube, as irmãs Ramalho pegaram para si a tarefa de mudar esse cenário. Rosa lembra que “não tinha um azul e branco acenado, em nenhum jogo que a gente foi, até que torcida foi montada”. E foi daí que surgiu a ideia: “a necessidade da Tira-Prosa, foi justamente porque não tinha bandeira. E a gente resolveu e sonhou alto e foi”⁸⁶.

Para criar a torcida, as irmãs tiveram que percorrer a cidade de Sorocaba, arrecadando dinheiro com os comerciantes. E não foi somente da cidade que as irmãs receberam ajuda, a imprensa destacou o fato inédito:

“O jornal noticiava, fez tipo contagem regressiva para nossa inauguração (...) A gente fez carreata⁸⁷ em homenagem ao nosso presidente⁸⁸ que tinha sido assassinado um pouco antes. Então teve toda a mídia, naquela época, jornal e rádio, nem televisão não tinha (...) eles deram muita ênfase mesmo para a torcida. Nossa, eles ajudaram, no comércio, todo mundo sabendo que a gente ia percorrer, a gente ia na rádio fazendo o anúncio”⁸⁹.

Mas, ainda assim, não foi um processo simples de concluir:

A gente também buscava, a gente ia na rádio falar sobre a torcida. A gente ia lá, batia na porta. Tinha o livro de ouro do comércio, que assinava e dava dinheiro. Tudo registrado o quanto cada um deu para ajudar. A gente ia atrás,

⁸⁵ *Ibidem*.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ As irmãs Ramalho lembram que antes dos jogos do São Bento, o então presidente Beraldo, realizava uma carreata com as bandeiras do clube pela cidade de Sorocaba, com o intuito de atrair o público para os jogos.

⁸⁸ José Barbosa Beraldo, presidente do Clube São Bento em 1974.

⁸⁹ Depoimento das Irmãs Ramalho em entrevista realizado em Sorocaba em maio de 2019.

buscava (...) saía de uma porta, entrava pela outra. Eu acho que também a gente era atrevida⁹⁰.

A criação da torcida foi sugestão da mãe, que é descrita por Marina como aquela que: “dava liberdade para nós. Minha mãe deixava a gente ir no clube, voltar tarde”⁹¹. Contudo, esse comportamento assustava, Maria Helena lembra que “ninguém queria a gente feito nora não!”⁹². O pai não ficou sabendo da criação da torcida: ele descobriu o feito das filhas através do jornal, que se encarregou de anunciar a inauguração da torcida Tira-Prosa. Marina lembra que o pai apareceu na inauguração, para surpresa delas, já que: “a gente não consultou nosso pai para montar a torcida”⁹³.

Embora a mãe tenha sido uma grande incentivadora para a criação da torcida, foi na figura do pai, como já mencionado, que tiveram a maior influência para viver toda essa história. Maria Helena lembra que o pai “ficou todo orgulhoso”, rendendo inclusive homenagem em comemoração dos 5 anos da criação da torcida: “surpresa para ele, fizemos um jornalzinho com 5 anos da torcida e fizemos uma surpresa. A Marina fez uma poesia bonita para ele, escrevemos *Obrigado Zé Ramalho* no jornalzinho né. Esse jornal Cruzeiro que fizeram a impressão e foram entregar lá no meu pai!”⁹⁴.

Jovens e rebeldes, Maria José com 21 anos, Rosa com 19, Marina com 17 e Maria Helena com apenas 14 anos, inauguraram a Torcida Uniformizada Tira-Prosa de Sorocaba em 21 de setembro de 1975, no jogo entre São Bento e Portuguesa Santista: *um magro empate e a torcida já é realidade*⁹⁵. Com o lema, *faça do futebol uma festa de família, um palavrão a menos uma mulher a mais no estádio*, pego de empréstimo da torcida Gaviões da Fiel, e uma diretoria constituída, coube a Marina a tarefa de fazer o barulho da torcida, tocando caixa e surdo. Assim a Tira-Prosa foi ganhando visibilidade, juntamente com as bandeiras, na qual elas faziam questão de estender para tomar a frente da arquibancada.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ *Ibidem*.

⁹² *Ibidem*.

⁹³ *Ibidem*.

⁹⁴ *Ibidem*.

⁹⁵ Rosa repete durante a entrevista a manchete do jornal no dia seguinte à inauguração da TUTPS.



Foto 4 – Jornal comemorativo de 5 anos de criação da TUTPS, em que repete a manchete do jornal que destacava a inauguração da torcida em 1975. Fonte: Acervo Pessoal.

De acordo com Silva: “na segunda metade da década de 70, a presença de mulheres na torcida, arbitragem e no próprio jogo estavam em plena guerra, com muitas batalhas vencidas pelas moças”⁹⁶. Podemos pensar que, conforme explica Sarti, isso é decorrente de uma:

Expansão do mercado de trabalho e do sistema educacional que estava em curso em um país que se modernizava (...) gerando ainda que de forma excludente, novas oportunidades para as mulheres. Esse processo de modernização, acompanhado pela efervescência cultural de 1968 (...) novas experiências cotidianas entraram em conflito com o padrão tradicional de valores nas relações familiares, sobretudo por seu caráter autoritário e patriarcal⁹⁷.

⁹⁶ SILVA, G. C. E. Op. Cit., p. 66.

⁹⁷ SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.12, nº2, maio-agosto/2004, p. 39

E assim, não demorou muito para a torcida Tira-Prosa se destacar dentro do estádio, com isso, a presença das mulheres na arquibancada cresceu. Esse novo público (mulheres) que passou a frequentar a torcida do São Bento só passou a ocupar esse ambiente após a chegada da Tira-Prosa:

(...) [a mulher] uma vez ouvia muito xingo e não voltava mais. Aí nós fomos e voltamos, e voltamos. Quando a gente começou com a torcida, aí a mídia deu apoio. Então passou a ser *aí que legal, as moças!* A visão mudou, se tornou legal, interessante. Então mudou. E a mulher que tinha vontade de ir no jogo, passou a poder ir com a gente⁹⁸.

O grupo da Torcida Tira-Prosa era formada por quase 70 pessoas, não somente por mulheres interessadas em futebol, mas também por famílias, que passaram a ter na torcida fundada pelas irmãs Ramalho uma referência do “local da família” na arquibancada: “aonde a gente estava passou a ser o lugar onde as mulheres iam com seus maridos, filhos. Então tudo isso foi agregando a confiança de saber que era um espaço legal, onde a pessoa podia torcer”⁹⁹. Assim, a torcida passou a ser também o local onde as pessoas iam, pois se “sentiam seguros”, conta Maria José. Além disso, a Torcida Tira-Prosa passou a ser um meio de entrada para o estádio: “os molequinhos queriam entrar no campo. E para entrar no campo tinha que ter um adulto, acompanhando. Aí eles carregavam bandeira para gente”¹⁰⁰. A torcida, tornou-se assim um meio viável e seguro para as pessoas que gostariam de vivenciar o espaço do futebol.

Como já mencionado anteriormente, a Torcida Tira-Prosa, representou um fato inédito para cidade de Sorocaba e o Brasil, muito devido à mídia, que dava destaque ao grupo de irmãs torcedoras: “na época, mesmo quando vinha imprensa de fora a gente sobressaia. A gente chegou a ir na TV Cultura e na Rádio Bandeirantes dar entrevista”¹⁰¹.

Não foi somente o destaque na mídia, a Tira-Prosa trouxe para a história das irmãs Ramalho uma participação na vida política do clube, que dura até os dias de hoje. Tudo começou quando a torcida ainda estava em seu primeiro ano de existência. Maria

⁹⁸ Depoimento das Irmãs Ramalho em entrevista realizado em Sorocaba em maio de 2019.

⁹⁹ *Ibidem*.

¹⁰⁰ *Ibidem*.

¹⁰¹ *Ibidem*.

Helena e Rosa começaram a se dedicar a vida do clube em 1976 e 1977, respectivamente. A caçula, com apenas 14 anos, trabalhou como secretária do clube após receber o convite de um dos diretores do clube: “o Belo¹⁰² ligou para mim e perguntou se tinha alguma menina da torcida que queria trabalhar. Eu falei que queria! Foi assim que eu fui”¹⁰³. Exercendo a função de até 1978. Já Rosa, trabalhou também como secretaria, porém no estádio Humberto Reale, até 1982. E assim, elas foram ganhando espaço, até assumirem o primeiro cargo na diretoria do clube, dado pelo presidente do clube, Celson Gomes Hubner, mais conhecido como Comandante Hubner.

Quando as irmãs Ramalho decidiram criar uma torcida uniformizada elas não faziam ideia de onde iriam chegar e os espaços que iriam atingir. É claro que, com toda essa visibilidade, mesmo que local, o fato de serem mulheres não isentaram as irmãs dos pensamentos preconceituosos da época, que de certa forma perduram até os dias de hoje, como por exemplo “mulher não entende de futebol” ou “futebol é coisa de macho”.

Costa reflete que ainda que ocorra “uma crescente incorporação da mulher na esfera torcedora. Essa incorporação, entretanto, apresenta alguns obstáculos”, entre eles e o mais importante, “refere-se à legitimação da mulher como indivíduo que não apenas é capaz de nutrir sentimentos de pertencimento clubístico, mas que também pode interessar-se pelo jogo de futebol, compreendê-lo em seus aspectos técnicos e táticos”¹⁰⁴.

E foi pensando em uma forma de legitimar sua presença enquanto mulheres que amam e entendem de futebol que Maria Helena, Rosa e Marina fizeram o curso de arbitragem, por volta de 1976. A intenção com a realização do curso era:

Para conhecer a regra mesmo, para poder discutir com igualdade, porque achavam que a gente entendia menos e tudo. Daí quando a gente começava a conversar sobre futebol, aí falavam assim, *nossa, mas vocês entendem mesmo, vocês sabem!* Entendeu?! Era mais ou menos assim¹⁰⁵.

Sendo as únicas mulheres da sala da, o curso de arbitragem acrescentou na vida das irmãs Ramalho no sentido de dar respaldo para a discussão em que elas se

¹⁰² Belo foi uma figura importante na diretoria do Esporte Clube São Bento durante muitos anos.

¹⁰³ Depoimento das Irmãs Ramalho em entrevista realizado em Sorocaba em maio de 2019.

¹⁰⁴ COSTA, L. M. Da. Op. Cit., p.2.

¹⁰⁵ Depoimento das Irmãs Ramalho em entrevista realizado em Sorocaba em maio de 2019.

envolviam sobre futebol. “Essa necessidade de legitimação se justifica por uma certa desconfiança que ainda recai sobre a mulher quando o assunto é futebol”¹⁰⁶, como explica Costa, a mulher constantemente precisa provar para o homem que “merece” ocupar aquele espaço, necessitando assim mostrar “que não apenas gostam, mas que também são capazes de compreender o futebol em seus múltiplos aspectos. Afinal elas carecem de credibilidade como torcedoras”¹⁰⁷. Para Marina, a realização do curso não serviu apenas para acrescentar conhecimento e dar respaldo, mas também: “para se colocar, eu acho que é uma questão feminista, eu sempre vi como uma questão feminista”¹⁰⁸. O curso de arbitragem, além de ser um agregador de conhecimento, possibilitou para as irmãs a atuação como árbitras em “jogos festivos ou jogos davam briga”, que ocorriam na cidade, fazendo com que, elas se tornassem atração dos jogos.

O ano de 1976 foi marcante na vida das irmãs Ramalho, não somente porque elas já estavam com um ano de torcida e ganhando cada vez mais visibilidade na cidade, esse foi também o ano da famosa e marcante invasão corintiana em 1976 ao Maracanã. Mesmo com o coração apaixonado pelo São Bento, as irmãs Ramalho não escaparam da influência corintiana passada pelo pai, um corintiano “roxo”, que dividia o coração com o “azulão” de Sorocaba. E foi esse lado corintiano que proporcionou as torcida Tira-Prosa uma das experiências mais incríveis da sua trajetória, lembrada com muita emoção pelas irmãs:

Tinha o Superintendente da Federação que era de Sorocaba e sabia que a gente gostava do Corinthians, [ele] cedeu um ônibus para nós. Foi minha família inteira e amigos para o Rio de Janeiro. E a gente foi com o uniforme da Tira-Prosa, levamos uma faixa escrito *o São Bento torce pelo Timão!* (...) E aí eu falo que foi o maior coro que o São Bento já teve. Porque a torcida inteira do Corinthians gritou São Bento, e a gente chorava feito boba, por causa da faixa”¹⁰⁹.

¹⁰⁶ COSTA, L. M. Da. Op. Cit., p.2.

¹⁰⁷ Ibid., p.3-4.

¹⁰⁸ Depoimento das Irmãs Ramalho em entrevista realizado em Sorocaba em maio de 2019.

¹⁰⁹ *Ibidem*.



Foto 5 – Fotografia das irmãs Ramalho acompanhadas de amigos e familiares durante a invasão corintiana de 1976. Fonte: Acervo Pessoal.

A torcida Tira-Prosa chegou ao seu fim no começo dos anos 1990, contudo, as irmãs continuaram e continuam a frequentar o estádio. Com o tempo as cada uma das irmãs passou a ir em busca de outras experiências: estudos, filho, mudança de cidade. Aliado a isso, a dificuldade de manter uma torcida começou a afetar a atuação da Tira-Prosa:

Não era fácil, você tinha que ter as bandeiras, os instrumentos e carregar tudo aquilo. Aí o que que aconteceu, no estádio, aí tinha espaço. No CIC¹¹⁰ a gente conseguia até um espaço. CIC é o estádio municipal. Quando mudou de estádio, tinha uma sala que a gente conseguia guardar nossas bandeiras, nossos

¹¹⁰ Centro de Integração Comunitário Walter Ribeiro.

instrumentos. Tudo para poder facilitar para gente né. Mas aí, começou a ficar mais difícil, muda administrador do estádio¹¹¹.

A experiência das irmãs Ramalho representou uma resistência singular para a história da mulher. O atrevimento de Maria José, Rosa, Marina e Maria Helena representou como as próprias dizem “um rompimento”, para que assim fosse possível pensar na participação da mulher em outras áreas do futebol, além da atuação como jogadora. No período em que a torcida foi criada e as Ramalho passaram a receber destaque da mídia e a ganhar espaço na arquibancada, as irmãs não compreendiam a dimensão da barreira que estavam quebrando, afinal na perspectiva delas a torcida era apenas uma aventura da juventude, na qual: “a gente fazia aquilo por amor e pronto”¹¹². Mesmo que: “inconscientemente ou conscientemente acabou estimulando isso, essa possibilidade de inverter esse papel também”¹¹³. Pois, embora tenham sido estimuladas pela mãe para criação da torcida e pelo pai no amor pelo futebol, foi na teimosia da juventude que encontraram a maior força para resistir e permanecer na arquibancada.

¹¹¹ Depoimento das Irmãs Ramalho em entrevista realizado em Sorocaba em maio de 2019.

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ *Ibidem*.

CAPÍTULO III

ITA MAIA

O futebol permaneceu proibido para mulheres no Brasil até 21 de dezembro de 1979, quando o Conselho Nacional de Desportos revogou o Decreto nº7 de 1965, por meio da deliberação nº10. Contudo, essa revogação da proibição visava apenas a prática do futebol feminino organizado por “entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições”, ou seja, a mulher só possui permissão para jogar futebol caso o fizesse visando a participação em eventos esportivos internacionais, “como campeonatos e torneios oficiais”¹¹⁴. Estes eventos deveriam ser organizados por instituições esportivas como a FIFA, que por sua vez não oficializava a prática entre as mulheres.

Silva explica que, “a deliberação nº10/79 é muito clara em sua intenção: não desejava colocar entraves na internacionalização do esporte brasileiro”¹¹⁵. Porém, a participação maciça das mulheres nos esportes ainda não era uma realidade no Brasil e assim não possuía força para que o país conseguisse se projetar internacionalmente nessa modalidade. Sendo assim, não era de interesse das entidades esportivas brasileiras a regulamentação e incentivo da prática do futebol entre as mulheres. Dessa forma, Silva conclui que, embora o futebol feminino não estivesse proibido por lei ou instituição governamental, seu exercício “não era reconhecido e regulamentado pelas autoridades esportivas nacionais, e por isso, não chegava aos clubes”, afinal, nem a maior instituição do futebol reconhecia a prática entre as mulheres.

E foi nesse cenário de um futebol feminino não regulamentado, que Edinei dos Reis Gericó trilhou seus primeiros passos como jogadora. Nascida em 23 de julho de 1969, filha do casal de agricultores Ivaneide Maia dos Reis e Luís Coelho Gericó, hoje, trabalha como educadora também no futebol para jovens que buscam uma oportunidade no futebol. Ita, apelido dado pelos irmãos, é a mais velha sendo que, ainda possui dois irmãos e uma irmã. Nascidos na cidade de Irecê: “no interior da Bahia uma região muito castigada pela seca, então nossa região exclusivamente é uma região muito castigada, a gente chama essa parte da Bahia, o Sertão né!”¹¹⁶. Lembra do pai como “um homem trabalhador, um homem do campo. Que nunca pensou em sair para fazer outra

¹¹⁴ Brasil, Conselho Nacional de Desportos. Normas Básicas sobre Desportos. Deliberações 1979. Rio de Janeiro, 1981 Apud Silva, G. C. E. 2015, p.79.

¹¹⁵ Ibid., p.80.

¹¹⁶ Depoimento de Ita Maia em entrevista realizada em São Paulo em março de 2019.

coisa na vida”¹¹⁷. E da mãe, uma dona de casa: “sempre dedicada aos filhos, que sempre procurou que todos estudassem né. Porque, segundo ela, era a única riqueza que ela podia oferecer. E foi isso que ela fez e incentivou todos nós, a estudar”¹¹⁸.

Até os 8 anos de idade viveu em Irecê, desse lugar, lembra:

De uma infância muito pobre, onde a gente não tinha basicamente nada. Na verdade, nós nunca tivemos nenhum brinquedo, nunca tivemos nenhum tipo de conforto, mas era divertido, porque naquela época, meu pai e minha mãe não tinham condições de dar nada para nós (...) E a gente dividia tudo. Era uma infância muito pobre, mas feliz¹¹⁹.

Devido à seca da região onde nasceu, se mudou duas vezes para Goiás. A primeira, ainda com 8 anos, permanecendo até os 11 anos: “E aí eu me lembro também das brincadeiras de rua, da escola, desse processo que a infância tem em acho que praticamente todos. Das brincadeiras de rua, de roda, de brincar de bicicleta, de correr, de brincar na rua (...) eu tinha 11 anos, eu me lembro que eu brincava com bolinhas de meia na rua com as crianças da época e na escola também”¹²⁰. O futebol apareceu na vida de Ita nessa época, por volta 1980, quando se mudou de Goiás para a cidade de Araguari em Minas Gerais, permanecendo por quase 3 anos. E foi nesse momento, já com 13 anos, que o futebol “apareceu, de uma forma um pouco mais, digamos, talvez mais forte”¹²¹. Na ausência de uma bola que pudesse brincar, Ita e as crianças da rua improvisavam:

A gente roubava a meia do pai e enchia de pano, de papel, de qualquer coisa e fazia a bolinha de meia e ia usando na rua, todo mundo brincava e tal. Quando rasgava alguém pegava a meia do pai. E a gente ia fazendo essas bolas, criava e inventava e era dessa forma que a gente se divertia. E foi daí que começou¹²².

O futebol foi utilizado por Ita, durante sua infância como uma maneira de resistir as dificuldades da pobreza. Como a mesma lembra:

¹¹⁷ *Ibidem.*

¹¹⁸ *Ibidem.*

¹¹⁹ *Ibidem.*

¹²⁰ *Ibidem.*

¹²¹ *Ibidem.*

¹²² *Ibidem.*

A prática era vivida de uma maneira bem lúdica né. A gente queria brincar, queria se divertir com o que tivesse de opção e o mais fácil para nós era o que? Era a bola, porque era a única coisa que a gente conseguia desenvolver nessa dificuldade, de se criar, de pegar as meias e encher de pano e saquinhos e fazer a bola e brincar na rua¹²³.

Foi na escola que começou a participar das primeiras competições de futebol: “isso tudo na aula de Educação Física, não existia equipes, essa questão de disputa, mas existia competição entre a gente e junto com os meninos. Então era uma fase difícil. Era misto, nas aulas eram mistos. Eu me lembro”¹²⁴. A fala de Ita Maia explicita uma realidade vivida até hoje por meninas que jogam futebol: praticar a modalidade junto aos meninos, pois não existem equipes próprias para elas treinarem. Não é exagero afirmar que é inexistente qualquer tipo de incentivo para a participação das meninas no futebol. Afinal, conforme explica Heloísa Reis, “os esportes modernos foram construídos culturalmente para os homens. O que significa dizer que, assim como em todos os ramos sociais, também nos esportes a mulher teve que conquistar sua participação e ganhar o seu reconhecimento”¹²⁵.

As aulas de Educação Física possibilitaram outras vivências com o esporte, como o vôlei, o handball e atletismo, sendo essas oportunidades que Ita tinha para desenvolver suas habilidades com o esporte:

Então eu tinha algumas habilidades para algumas modalidades. Eu me saía bem, mas era aquilo, não tinha estrutura, não tinha preparação, não tinha base, não tinha nada. A professora falava que ia ter competição de atletismo, ela perguntava quem iria participar, eu nem sabia o que era, mas ia e me saía bem nas provas¹²⁶.

Contudo, as dificuldades e precariedade da estrutura inibiram o desenvolvimento da prática esportiva. Ita lembra que faltavam roupas e calçados para participar das competições, chegando inclusive a realizar as atividades descalça. As disputas ocorriam em uma cidade próxima a que estudava. Participavam dessas competições escolas particulares, estaduais e municipais: “todos participavam, só que cada um da sua forma,

¹²³ *Ibidem*.

¹²⁴ *Ibidem*.

¹²⁵ REIS, Heloísa Helena Baldy Dos. *Futebol e sociedade: as manifestações da torcida*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998, p.46.

¹²⁶ Depoimento de Ita Maia em entrevista realizada em São Paulo em março de 2019.

do seu jeito e com as suas condições. As escolas particulares sempre levavam tudo, porque tinham a melhor estrutura, tinha tudo a seu favor”¹²⁷. Faltava tudo, desde material esportivo até pessoa para orientar os alunos no decorrer da competição, Ita lembra que: “simplesmente a gente era apresentado a modalidade, sem saber o que era, participava do jeito que dava”¹²⁸.

Como muitas crianças, em sua maioria meninos, Ita deu seus primeiros chutes na bola jogando futebol na rua com os amigos do bairro. Prática presente ainda nos dias atuais entre os jovens, sendo que, nesses jogos os gols são improvisados com chinelos, e o futebol é praticado descalço: “a gente jogava rua contra rua, os grupinhos que se formavam. Aí a gente começava a ter esses joguinhos e meio que disputa, *ah hoje vai jogar rua tal, contra rua tal*. E sempre aconteciam esses encontros”¹²⁹. Tempos depois, novamente a mudança, dessa vez a volta para Bahia.

Voltando a cidade natal, já com quase 15 anos, as equipes de futebol feminino começaram a aparecer. Ita lembra que: “tinha os jogos de cidade contra a cidade, poucas coisas, porque eram muito difícil, não tinha uniforme, não tinha bola, não tinha ninguém que queria desenvolver isso”¹³⁰. Ainda nesse período Ita jogava bola com os meninos, pois não era muito comum a presença de meninas, quando começavam, o faziam junto aos meninos, como já ressaltado anteriormente:

E até hoje isso existe muito. Quando você vai jogar com os meninos, você só é escolhida se você realmente jogar bem e se comparar a um deles (...) então eu me lembro que eu jogava muito mais com os meninos do que com as meninas. Formava mais no time deles do que com elas¹³¹.

Sua irmã ainda tentou fazer parte desse grupo seletivo de meninas que jogavam bola junto aos meninos, contudo, não conseguiu se destacar entre os praticantes. Já Ita, desde de que começou a jogar bola na rua sempre foi ao lado dos meninos. Ela recorda que: “muitas e muitas vezes eu me perguntava, *mas por que eu gosto de brincar com esse tipo de brincadeira, se eu vejo todas as meninas brincando de boneca, de casinha*, eu até brincava, mas não achava legal, eu queria jogar, eu gostava de jogar”¹³².

¹²⁷ *Ibidem.*

¹²⁸ *Ibidem.*

¹²⁹ *Ibidem.*

¹³⁰ *Ibidem.*

¹³¹ *Ibidem.*

¹³² *Ibidem.*

Nesse período, já adolescente, mesmo que a prática de jogar bola fosse realizada entre os moradores do bairro, isso não impediu Ita de sofrer com o preconceito: “eu sofria, do pessoal da vizinhança (...) Na Bahia. Goiás não (...) Mas, assim, o bom é que meu pai e minha mãe nunca me proibiram”¹³³. Porém, mesmo não encontrando restrição por parte dos pais, apoio e incentivo também não recebeu. Ela acredita que talvez a causa dessa certa indiferença dos pais seria devido a impossibilidade, para a menina que gostava de jogar bola, enxergar perspectiva profissional no futebol, por isso, era apenas uma prática de lazer: “primeiro, que ela não teria dinheiro para comprar o calçado, muito menos uma bola. Segundo, se tivesse condição de fazer, *para onde você vai? O que você vai fazer com isso? Não, vai estudar*”¹³⁴.

O preconceito das pessoas de fora da família refletiam a ideia de que futebol é o espaço do homem: “a vizinhança via e dizia *olha lá a mulher macho, fica jogando no meio dos homens como pode, só tem ela de mulher no meio de um monte de moleque*”, e quem quer que fosse fazer isso, ia receber isso”¹³⁵. Embora dentro de casa não encontrasse restrições quanto ao seu amor pelo futebol, isso não a manteve a salvo de sofrer preconceito por parentes. Ita lembra um episódio marcante aos 15 anos, quando seu tio que morava em São Paulo, foi visitá-la:

Todo final de ano ele ia nos visitar e como toda criança e gente ficava esperando ele, porque ele sempre levava uma lembrancinha para cada um. E aí eu me lembro que ele sempre levava ou roupa ou brinquedo, para os meninos um carrinho, como sempre, nunca levou bola. E para mim e minha irmã, ou uma roupa ou era uma boneca. Aí teve uma vez que ele levou uma boneca para mim e minha irmã e eu disse: *ah tio por que você não me traz uma bola, eu queria uma bola*. Aí ele virou para mim e disse: *que bola! Bola é coisa de homem*. E aquilo me chocou, eu fiquei pensando: *nossa, mas por que eu não posso ter uma bola?*¹³⁶

Conforme Moura explica, no ambiente familiar, de modo geral, é esperado que sejam traçados desde criança os comportamentos diferenciados sobre o que é ser menino e menina. “Ao menino, presenteia-se com carrinhos de brinquedo e bola de futebol. À menina, oferece-se boneca. Com isso, vai se determinando uma ideologia

¹³³ *Ibidem.*

¹³⁴ *Ibidem.*

¹³⁵ *Ibidem.*

¹³⁶ *Ibidem.*

sexista, distinguindo ‘brinquedo de menino’ e ‘brinquedo de menina’”¹³⁷. A perpetuação da concepção de que “futebol é coisa de homem”, acaba por criar a ideia de que “as mulheres que participam desse ambiente considerado como de reserva masculina, de produção e reprodução de papéis sociais, não possuem legitimidade ou respaldo social para serem considerados como transmissoras da arte de jogar com os pés”¹³⁸.

E assim, por volta de 1985, Ita e sua família mudam-se a segunda vez para Goiás, dessa vez para a cidade de Santa Helena. E foi morando nessa cidade que o futebol começou a ganhar espaço em sua vida:

Existia uma equipe feminina, que um dos roupeiros¹³⁹ que tinha lá tomava conta. Tinha um time profissional [Santa Helena]¹⁴⁰ na cidade da segunda ou terceira divisão, eu acho (...) então tudo o que sobrava do profissional, que às vezes não queriam, iam encostando, ele pegava e aproveitava e colocando para gente usar e a gente saía para as competições¹⁴¹.

Com essa equipe sob o comando desse roupeiro, Ita participou dos primeiros torneios amadores de sua carreira como jogadora: “então, tinham 4 cidades vizinhas e eles começavam a desenvolver os torneios e a gente participava. Então cada mês era realizado um torneio na época (...) E existiam também os amistosos que se faziam. E eram poucas, não eram muitas equipes, mas era divertido”¹⁴².

¹³⁷ MOURA, E.J. L. De Op. Cit., p.80.

¹³⁸ KESSLER, Cláudia Samuel. Futebol ou futebóis: é plural ou singular? In: *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: UFRGS, 2016, p.34.

¹³⁹ Esse roupeiro era funcionário do estádio de futebol que ficava próximo à casa de Ita Maia.

¹⁴⁰ Santa Helena Esporte Clube, fundado em 1965.

¹⁴¹ Depoimento de Ita Maia em entrevista realizada em São Paulo em março de 2019.

¹⁴² *Ibidem*.



Foto 6 - Recorte de jornal em que noticiava o torneio em que Ita Maia participou em 1985.

Fonte: Acervo Pessoal.



Foto 7 - Equipe feminina que Ita Maia fazia parte / Agachada, 5º da esquerda para direita. Fonte: Acervo Pessoal.

Para Ita, jogar bola e competir com essa equipe não era uma possibilidade de desenvolvimento profissional, era “apenas brincadeira”. Levando em consideração o período na qual essas competições ocorriam, o futebol feminino pouco se desenvolveu entre os anos de sua regulamentação, em 1983¹⁴³, até a data em que Ita passou a participar desses esporádicos torneios, 1985 e 1986. Além disso, Ita conta que “a representação, a visibilidade que tem, pouca né, a gente pode dizer que é pouca. Poxa, o que a gente ouvia de falar de futebol na época era Pelé e Garrincha e um tempo depois Roberto Dinamite, Maradona, Zico”¹⁴⁴. Sem qualquer referência de mulher como jogadora de futebol, Ita conta que seus ídolos de infância era: “Roberto Dinamite, quando eu comecei a ver a se falar do futebol e ver alguma coisa em televisão, foi aí quando eu mudei pra Goiás, gostava do Maradona, que era da minha época. Eu acompanhei esses dois, depois mais no futuro, Romário, Careca”¹⁴⁵.

Na mesma época dessas competições nas quais Ita participava, existia em Goiânia uma equipe feminina que: “se dizia profissional, mas na verdade não era. Era um amador, mas com um nível mais evoluído que as demais. Se chamava Ponto Frio Bonzão”¹⁴⁶. O sonho de todo mundo que jogava nas cidadezinhas lá, era chegar na seleção, digamos assim, na cidade de Goiânia e jogar nessa equipe”¹⁴⁷. Objeto de desejo de todas as meninas que jogavam futebol na cidade, inclusive de Ita Maia, logo esse projeto se encerrou, demonstrando assim como era (e ainda é) frágil qualquer possibilidade de desenvolvimento do futebol feminino. Contudo, esse cenário de criação de competições e desenvolvimento de times é fruto de movimentos que “estabelecem novas bases para a organização do esporte no país”, gerando dessa forma, “novas perspectivas que despontam para o futebol feminino no Brasil. Já nos primeiros anos da década de 80 surgem vários times femininos, alguns clubes criam suas equipes e alguns campeonatos femininos adquirem visibilidade no calendário esportivo nacional”, segundo Goellner¹⁴⁸.

¹⁴³ O Conselho Nacional de Desportos aprovou em 25 de março de 1983 as regras para o futebol feminino. Silva (2015), p.112.

¹⁴⁴ Depoimento de Ita Maia em entrevista realizada em São Paulo em março de 2019.

¹⁴⁵ *Ibidem*.

¹⁴⁶ Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, não foram encontrados nenhum registro sobre a existência dessa equipe. O que não demonstra surpresa, afinal, sabemos que são escassos as tentativas e realizações quando se refere a ações para o futebol de mulheres.

¹⁴⁷ Depoimento de Ita Maia em entrevista realizada em São Paulo em março de 2019.

¹⁴⁸ GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.19, n.2, abr./jun.2005, p.147.

Após essa segunda passagem por Goiás, Ita e sua família voltam para Irecê, entretanto, para ela aquela cidade já estava pequena para quem queria buscar novas experiências e oportunidades. E assim, ela se muda para São Paulo em 1990, aos 21 anos e o bairro de Guaianazes entra em sua vida. Sua ida para esse bairro localizado no extremo leste do município de São Paulo ocorreu, pois ela já tinha parentes no local. Embora sua mudança de estado não tenha sido motivada pelo futebol, em Guaianazes, Ita procurou ainda meios de permanecer jogando, atuava no meio de campo, ora como volante ora como meia:

Aí entrei na escola, não conhecia nada no bairro, ninguém. Fui conversando com algumas pessoas e me indicaram um professor em Guaianazes que tinha um trabalho com o feminino. Aí eu procurei, através de uma amiga minha que a irmã dela jogava com ele, que era minha colega de sala. Ela me indicou, eu procurei e fiz um teste. E ele falou: *ah vamos ter um jogo esse final de semana*. Que era um festival, amistoso, uma coisa assim e aí eu fui. E foi *super* bem, me destaquei e fiquei jogando com ele¹⁴⁹.

A convite do professor foi realizar um jogo-treino contra uma equipe de Itaquera, o Elite Itaquerense¹⁵⁰, uma equipe que disputava o futsal na federação. Acompanhada de uma amiga, Ita realizou o teste e acabou sendo convidada a permanecer na equipe de Itaquera para disputar “o Campeonato Paulista, o Metropolitano e acho que era Taça São Paulo, se não me falhe a memória, na Federação. E acabamos ficamos¹⁵¹.

Ita Maia construiu sua trajetória no futebol feminino como jogadora da várzea, como a própria classifica. Boa parte dessa vivência foi concretizada jogando pelo Elite, uma equipe de futebol amadora, onde permaneceu por 10 anos, desenvolvendo na instituição diversas atividades, entre elas, o futsal federado por quase 6 anos, até a descoberta do futebol de campo: “aí começamos a disputar as duas modalidades. Os campeonatos de futsal e os campeonatos de futebol, quando aparecia, que também era raro. E aí foi surgindo os jogos regionais, um pouco depois, que era uma competição num nível mais técnico”¹⁵². Sua carreira no futebol não se construiu apenas como

¹⁴⁹ Depoimento de Ita Maia em entrevista realizada em São Paulo em março de 2019.

¹⁵⁰ O Clube Sociedade Esportiva Elite Itaquerense foi fundado em 1922, e atualmente desenvolve o futsal federado como modalidade principal. No site da instituição não foi encontrado nenhuma menção sobre o desenvolvimento do futebol feminino pelo clube.

¹⁵¹ Depoimento de Ita Maia em entrevista realizada em São Paulo em março de 2019.

¹⁵² *Ibidem*.

jogadora. Ainda no Elite, Ita começou seu trabalho como educadora, realizando atividades com a escolinha do clube, tanto com meninos quanto com meninas. Essas atividades como treinadora era realizada concomitantemente com a atuação como jogadora.

Em 1998, ainda no Elite recebeu o convite para jogar o Campeonato Paulista daquele ano pelo Corinthians. A visibilidade que o time do Elite tinha na região foi o que a levou para o clube alvinegro paulista: “então todo mundo conhecia, quem não conhecia, ouvia falar. Que foi isso que me levou ao Corinthians, uma competição dessa da várzea, o preparador físico do Corinthians nos viu jogar, eu e uma amiga e aí mandou um recado para a gente ir no treino, numa segunda feira, para fazer tipo um teste. Aí nós fomos e já ficamos. Só uma temporada, do Paulistana de 98”¹⁵³.

A mudança de um clube de bairro (Elite) para um clube de massa (Corinthians), pelo menos no masculino, poderia ser um grande impulso na carreira de Ita. Porém, a vivência no clube se mostrou completamente o contrário da expectativa criada:

Na cabeça da gente, achávamos que estávamos saindo da favela e indo morar no Morumbi. Mas, depois você parava para analisar e via que não era nada disso. Eu mudei de endereço, mas as dificuldades eram as mesmas. O feminino nunca teve a mesma força que o masculino. Eu nem me lembro se foram mais de 30 ou 40 pessoas assistir um jogo nosso. E olha que nessa época já tinha a Roseli, a Taffarel, a Márcia Honório, a base do Corinthians na época era boa parte das meninas que jogavam na Seleção Brasileira. E nem por isso, não mudou nada. Eu apenas saí de Itaquera e vim para o Parque São Jorge¹⁵⁴.

As condições de treinamento para a equipe feminina em nada tinham a ver com o masculino, Ita lembra que o campo em que realizava os treinos era de: “terrão, se treinava naquele cascalho, naquela terra horrorosa, com todas as dificuldades”¹⁵⁵. O que diferenciava o tratamento recebido no Corinthians em relação ao do Elite era a orientação e preparação:

Você sabia diferenciar o que era treino de jogo, os equipamentos que podia usar e não podia. Os treinos eram todos os dias, porque mesmo para as condições da época era chamado de profissional (...) com todo glamour, mas as dificuldades eram as mesmas (...) não vi perspectiva nenhuma. Diziam que

¹⁵³ *Ibidem.*

¹⁵⁴ *Ibidem.*

¹⁵⁵ *Ibidem.*

pagava, eu nunca recebi. Eu joguei o campeonato todinho e não recebi um real!¹⁵⁶

A fala de Ita demonstra que embora ela tenha mudado de clube, chegando no dito profissional, as dificuldades permaneciam. As condições de acesso e participação das mulheres não são, ainda hoje, iguais aos dos homens. De acordo com Goellner, “ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder conferidos a mulheres e homens”¹⁵⁷.

Ita pertence a uma geração em que o futebol em São Paulo começou a acontecer a partir de 1985. Ela explica que foi nesse período, na cidade, em que: “começou a montar as equipes, tempos depois que eu não sei se precisar datas agora, veio a primeira seleção. E eu já tinha uma idade já, junto com aquelas meninas que iniciaram, a gente era da mesma faixa etária”¹⁵⁸. Contudo, mesmo com praticantes, existiam poucos clubes capazes de comportar todas as interessadas:

Tinha um time para comportar todas essas pessoas, essas pessoas já estavam ali. Então quem viesse não ia ter oportunidade. Tinha dois ou três times de destaque em São Paulo e já tinha os grupos (...) Não tinha oportunidade. E a gente ficava muito escondido, você estava lá na zona leste, num clube Elite, ninguém dava conta que você existia e nem você tinha toda essa informação e recursos para chegar a todos esses times¹⁵⁹.

Com a experiência do futebol feminino amador, Ita Maia construiu sua trajetória nos campeonatos regionais e de bairro. E assim, marcou seu nome da história da modalidade, como a própria explica:

Então, tinha e teve um nome, uma marca e isso ficou muito forte. Porque hoje tem alguns lugares que eu ainda vou, ainda passo, e pessoas que conviveram, que presenciaram, ainda falam: *nossa a Ita do Elite*. E isso ficou marcado, e não tem como você se livrar dessa marca. Estou marcada na história do Elite¹⁶⁰.

¹⁵⁶ *Ibidem*.

¹⁵⁷ GOELLNER, S. V. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*, Ano II, n. 04, Brasília, 2012, p.86.

¹⁵⁸ Depoimento de Ita Maia em entrevista realizada em São Paulo em março de 2019.

¹⁵⁹ *Ibidem*.

¹⁶⁰ *Ibidem*.

Através das experiências de Ita como jogadora é possível, em certa medida, mapear parte das vivências que circundam a história da mulher dentro do futebol, a partir dos anos 1980 no Brasil, que foi construída à margem do profissionalismo do futebol masculino, carecendo de oportunidades e incentivos. A dificuldade da mulher em enxergar no futebol uma área de atuação profissional é fruto de uma construção social excludente e machista, que prioriza o homem e dá a ele o protagonismo da ação, desvalorizando assim qualquer tentativa de participação da mulher. Por isso, não é de estranhar que Ita não consiga se ver como protagonista do futebol nem como jogadora, nem como educadora, embora, reconheça uma tímida contribuição para a história da mulher no futebol. Contudo, isso não é impedimento para que a mesma possa se perceber como resistência dentro do futebol brasileiro, “por pura insistência” como ressalta¹⁶¹.

Sendo a única atleta de sua família, Ita utilizou o futebol como um escape para driblar a pobreza e as dificuldades da infância. Mesmo possuindo uma relação com futebol estabelecida desde muito jovem, nunca acreditou que jogando bola pudesse ganhar a vida: “a gente sabia que era difícil, era para poucas, muito poucas. Não tinha perspectiva nenhuma”¹⁶². Sua permanência no futebol ocorreu, pois sempre gostou de jogar, de participar e sempre esteve envolvida com o esporte. Para a Ita, a mulher sempre ocupou um lugar de “apaixonada e insistente”, mais que isso, “uma sobrevivente!

¹⁶¹ *Ibidem.*

¹⁶² *Ibidem.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa foi possível compreender a complexidade das diversas formas de inserção e contribuição da mulher para o futebol brasileiro. Germana Garilli, as irmãs Ramalho e Ita Maia estão inseridas em contextos sociais distintos, vivenciando assim formas diferenciadas de impedimento no espaço do futebol brasileiro e, por extensão, estabelecendo modos de resistência também diversos.

As vivências exploradas ao longo dos capítulos desta pesquisa buscaram demonstrar que desde o final dos anos 1960, no Brasil, as mulheres tomavam parte em diferentes lugares dentro do futebol. Germana Garilli desenvolveu uma dupla atuação como jogadora amadora, do então proibido futebol feminino, e repórter de campo do futebol masculino, um trabalho respaldado pelo profissionalismo, embora também tenha encontrado certa dificuldade em seu início. As irmãs Ramalho, que começaram sua trajetória atrelada à figura do pai, vivenciaram experiências dentro da arquibancada, local onde, talvez, seja mais difícil a inserção da mulher, pois esse ambiente foi construído para ser o território em que o homem manifesta sua paixão pelo clube do coração, cantando, vibrando, chorando, xingando e assim, a mulher seria uma intrusa nesse espaço em que o homem expõe livremente suas emoções. E Ita Maia desenvolveu sua vivência no futebol à margem do profissionalismo, onde, embora a participação da mulher fosse permitida, não recebia o apoio e dedicação que o masculino, demarcando dessa forma, mesmo que nas entrelinhas, que o futebol ainda não era lugar para a mulher.

Embora as mulheres lutem pelo seu espaço, e isso fique por vezes claro na fala de todas as colaboradoras, a resistência a esse ambiente machista nem sempre apareceu de modo consciente. O motivo dessa inconsciência talvez esteja ligado ao fato de justamente a mulher nunca ter sido tratada como *sujeito* dentro do futebol. A luta da mulher pela legitimação da sua presença dentro do futebol está alcançando bons resultados, sendo que essas conquistas não foram dadas ou cedidas pelo homem que usufrui do protagonismo exclusivo do meio. Como foi explorado ao longo desta pesquisa, tais conquistas foram alcançadas a custo de imposição da presença das mulheres, muitas vezes intituladas, preconceituosamente, como “intrusas” ou “mulher-macho”.

Reflexo dessas conquistas, a discussão sobre a importância da contribuição feminina para o futebol em nosso país vem ganhando destaque em pesquisas

acadêmicas, que, à medida que reconhecem a luta da mulher no mundo da bola, demonstram que ela também é participante ativa do esporte de maior visibilidade do país e agente da construção de sua história. Por isso, se faz necessário o desenvolvimento de pesquisas como esta, pois assim é possível compreender o papel marcante dessas e de tantas outras mulheres para a história do futebol no Brasil.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (Orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Editora FGV, RJ, 2010.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, nº4, ano 2, nov2006/fev2007, 31p.

DELGADO, Lucilia de A. N. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUNNING, Eric; MAGUIRRE, Joseph. “As relações entre os sexos no esporte”. *Revista de estudos feministas*. IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v.5, no 2, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FRANZINI, Fábio. *Futebol é “coisa pra macho?”* Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 25, n.50, 2005, p.315-328. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n50/28282.pdf>> Acessado em 06.05.2018.

GOELLER, Silvana V. *Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades*. *Revista Tempo*, vol.19, n.34, Jan./Jun. 2012: 45-52. Dossiê: Uma história do esporte para um país esportivo.

_____. *Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história*. *Revista Pensar a Prática*, vol.8, n.1, p.85-100.

_____. *Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios*. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*, Ano II, n. 04, Brasília, 2012.

_____. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.19, n.2, abr./jun.2005, p.143-151.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Inventariar contos sobre futebol: o estrangeiro e a mulher nas antologias brasileiras. *Revista Aletria*, Belo Horizonte, v.26, n.3, 2016, p.87-121.

GUIRALDELLI, Reginaldo. Contribuições metodológicas da história oral para a pesquisa em serviço social. *Encontro Regional Sudeste de História Oral*. Educação das sensibilidades: violência, desafios contemporâneos. UNICAMP, set/2013, p.1-15.

KESSLER, Cláudia Samuel (Org). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

MEIHY, José Carlos S. B. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. *Revista de História*, n.155, pp.191-203, 2º/2006.

MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MOTTA, Marly da Silva. *O relato biográfico como fonte para a História*. Revista Eletrônica VIDYA vol.19, n.34, p.101-122, jun/dez 2000.

MOURA, Eriberto José Lessa De. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. Dissertação de Mestrado em Educação Física – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: *Estudos Históricos*. RJ, v. 2, n. 3, pp. 03-15, 1989. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/pollak_michel_memoria_esquecimento_e_silencio.pdf> (Acessado em 26/10/2018)

_____. “Memória e Identidade Social”. In: *Estudos Históricos*. RJ, v. 5 n. 10, pp. 200-215, 1992. Disponível em: <http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wpcontent/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf> (Acessado em 26/10/2018)

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História*. São Paulo, n.14, pp.25-39, fev/1997.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. *Futebol e sociedade: as manifestações da torcida*. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

RIAL, Carmen. *El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil*. Revista Nueva Sociedad, n.248, nov/dez de 2013, p.114-126.

RIBEIRO, Daniela P. S. *Futebol feminino no Brasil do século XX: O confronto com os padrões normativos do Estado novo e do Regime militar*. [Trabalho de conclusão de

curso] ([Bacharelado e Licenciatura] em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Guarulhos, 2016. 53p.

SALVANI, L.; FERREIRA, A. L. P; JÚNIOR, W. M. *O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990-2010)*. Revista Pensar a Prática, Goiânia, v.17, n.14, out./dez. 2014.

SALVANI, L; JÚNIOR, W. M. *Uma história do futebol nas páginas da Revista Placar entre os anos 1980-1990*. Revista Movimento. Porto Alegre, vol.19, n.01, p.95-115, jan/mar de 2013.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.12, nº2, maio-agosto/2004, p.35-50.

SILVA, Giovana Capucim e. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015

_____. *Futebol Feminino: proibido pra quem?* Uma análise de duas reportagens sobre o futebol praticado por mulheres no período anterior a sua regulamentação como esporte. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2012, p.1-13.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado* – História Oral. São Paulo: Paz e Terra.

SITES

Acervo Museu do Futebol. Disponível em: <http://dados.museudofutebol.org.br/#/tipo:instituicoes/626331,R%C3%A1dio%20Mulher> Acessado 06/06/2019.

Brasil, Decreto-Lei nº3.199, de 14 de abril de 1941 – Publicação original. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em 30/10/2018.

Brasil, Deliberação nº7 do ano de 1965, referente a proibição do esporte as mulheres. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>. Acessado em 30/10/2018.

Canindé – SPFC. Disponível em: <http://www.saopaulofc.net/spfcpedia/a-historia-do-spfc/caninde> Acessado em 30/05/2019.

Conheça a ACM. Disponível em: <https://acmsaopaulo.org.br/conheca-a-acm/> Acessado em 06/06/2019.

Corinthians reinaugura memorial em homenagem a Dona Elisa. Disponível em: https://www.meutimao.com.br/noticia/206288/corinthians_reinaugura_memorial_em_homenagem_a_dona_elisa Acessado em 02/06/2019.

Decreto-Lei nº 972 de 17 de outubro de 1969. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0972.htm Acessado em 07/06/2019.

O Clube. Disponível em: <<http://indiano.com.br/about-us/>> Acessado em 06/06/2019.